



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

MARIA LUIZA RODRIGUES DA SILVA DIAS

FOME: ATÉ O OSSO

**GOIÂNIA
2023**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

FOME: ATÉ O OSSO

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, curso de Jornalismo, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

**GOIÂNIA
2023**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

FOME: ATÉ O OSSO

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, curso de Jornalismo, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

Data de defesa: 05 de junho de 2023

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Professora Me. Sabrina Moreira de Moraes Oliveira

Professora Dra. Déborah Rodrigues Borges

DEDICATÓRIA

À minha Mãe Lusilene Rodrigues da Silva, minhas irmãs Lourraynne Dias e Lorrynne Ribeiro, ao motivo da minha felicidade, minha sobrinha Lívia Rodrigues e ao amor da minha vida, minha vovó Iracema Luiza da Silva, pois, cada pedacinho bom que há em mim veio da convivência com vocês. As pessoas que fizeram parte da minha trajetória de vida e na universidade. Aos familiares, amigos, colegas e amores que depositaram em mim a certeza de que eu conseguiria, vocês estavam certos. E a mim, que apesar de querer desistir infinitas vezes, continuei sendo a única representante do meu sonho na face da terra, como o Emerica ensinou. Por fim, aos que me inspiram, as pessoas marginalizadas, esquecidas e invisíveis que convivem com as mais diversas inseguranças que vão para além da alimentação. Nós mudaremos isso.

Maria Luiza Rodrigues da Silva Dias

AGRADECIMENTOS

Que eu não esqueça ninguém, mas se não estiver escrito aqui, saiba que está escrito em meu coração.

Agradeço a minha Mãe Lusilene Rodrigues da Silva, por me incentivar e acreditar que sou capaz. Que um dia eu possa conseguir retribuir toda a dedicação que você tem a mim. A minha irmã Lourrayne Dias que não poupou esforços, tempo, ideias e gasolina para me ajudar na realização deste documentário, um dia encherei seu tanque. A Deus que segue sendo meu guia em tudo o que faço.

À Irmã missionária de Cristo, Gertrud Fokter que fez a ponte ao encontro de algumas fontes, obrigada por todo carinho e auxílio.

À minha família inteira, por compartilhar comigo a alegria de formar mais uma pessoa na família. Sim, nós conseguimos.

Ao Emicida, que uma vez disse “quem tem um amigo tem tudo”. E eu tenho tudo, pois tenho os melhores amigos que eu poderia escolher. Obrigada por serem o meu respiro durante os surtos diário.

Em especial ao grupo “O cão é muito articulado” e aos presentes que a universidade me deu: Karolayne Bueno, Izabella Couto, Mariana Brandão, Mariana Gramacho e Maria Victória Pereira meu muito obrigada, sem vocês tudo isso teria sido um caos. Obrigada por não soltarem minha mão.

Aos professores que me rodearam desde o fundamental até o ensino superior, cada um deles me motivaram a ser cada vez melhor, em especial a minha orientadora Eliani Covem que guiou por todo os trajetos da construção desse filme.

E por fim, a você que de alguma forma me incentivou e motivou a continuar, nunca terei palavras suficientes para agradecer.

Nenhum olhar é isento de si ao olhar para fora. Vejo, e ao ver, também me vejo. Vendo-me inserido nisso ou naquilo, aquilo inserido em mim, a coisa se forma, um algo mais, o inesperado. Imagino, ajo na direção do que imagino, depois salto para o lado de lá, para o lugar do desconhecido, que é muitas vezes mais forte e intenso do que o que antes eu imaginava.

Cao Guimarães

RESUMO

O documentário *Fome: Até o osso* mostra uma realidade vivida por mais da metade dos brasileiros, a insegurança alimentar. Diariamente, famílias tem que conviver com a incerteza da alimentação. Nessa realidade, atos simples do cotidiano, como se alimentar com um café da manhã, almoço ou jantar se transforma em artigo de luxo. O documentário pretende treinar o olhar de quem o assiste para ficar atento a essa realidade, que não está escondida e basta um olhar mais atento ao próximo. Além de evidenciar os impactos sociais que a fome causa, buscando trazer uma conscientização da desigualdade social e da importância de políticas públicas eficientes.

PALAVRAS-CHAVES: Documentário, vulnerabilidade social, insegurança alimentar, fome, políticas públicas.

ABSTRACT:

The documentary *Hunger: Until the bone* shows a reality experienced by more than half of Brazilians, food insecurity. Families have to live with the uncertainty of food on a daily basis. In this reality, simple everyday acts, such as eating breakfast, lunch or dinner, become a luxury item. The documentary intends to train the gaze of those who watch it to be aware of this reality, which is not hidden and just needs a closer look at others. In addition to highlighting the social impacts that hunger causes, seeking to raise awareness of social inequality and the importance of efficient public policies.

KEYWORDS: Documentary, Social vulnerability, Food insecurity, Hunger, Public policies

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	11
REFERENCIAL TEORICO	11
1 DOCUMENTÁRIO	11
1.1 Documentário – conceitos e teorias	12
1.2 Técnicas de produção do documentário	16
1.3 História do documentário no Brasil	21
2 Da insegurança alimentar até a fome	26
2.1 As políticas públicas de combate à insegurança alimentar no Brasil: Collor (1990) a Lula (2023)	30
2.2 A insegurança alimentar em Goiás	35
2.3 Como é conviver com a fome	37
CAPÍTULO II	39
MEMORIAL	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	47
APÊNDICE I ROTEIRO	47
APÊNDICE II AUTORIZAÇÃO DE REPRODUÇÃO	59

INTRODUÇÃO

O documentário diz muito sobre o outro, mas cada filme documental tem um pedaço de seu idealizador, geralmente de maneira sutil, porém perceptível, quase como um laço que junta tudo em um único grande ato. Para Yakhni (2001, p.4) essa mistura é utilizada para “representar um fragmento do mundo histórico, o espaço documental é histórico e o realizador se situa como parte integrante desse mundo”.

O produto final nada mais é que a mistura de todas as ideias e planejamentos que foram construídas ao longo da produção do filme documentário *Fome: Até o osso* e para o desenvolvimento dele foram realizadas pesquisas durante o período de um ano para agrupar de maneira incisiva as informações acerca do tema e ser relatadas nas filmagens que concluem o produto.

A insegurança alimentar é uma situação mais próxima das pessoas do que se pode imaginar. Os níveis variam entre leve – que alude a incerteza da aquisição ou disponibilidade de alimentos; a moderada – que consiste na mudança de hábitos para garantir o acesso ao alimento; e a grave – a fome ou a redução dos alimentos e a incerteza da alimentação. Estar falando sobre a fome em 2023 no Brasil pode ser considerado um retrocesso para todo o país que já foi considerado fora do mapa da fome da ONU em 2014, por meio de políticas públicas de erradicação da pobreza e da miséria e, por consequência, erradicaram a fome.

Segundo a pesquisa realizada pela Penssan (2022), 125,2 milhões de pessoas se enquadravam em algum quesito da insegurança alimentar. No Centro-Oeste, região em que se encontra o Estado de Goiás, as pessoas que passam alguma necessidade para obtenção de alimentos chegam a porcentagem de 59,5%, também superior a maioria da população da região. Estes dados, em conjunto com a realidade expostas nas ruas da capital de Goiás, Goiânia, levou a autora deste trabalho ao desejo de documentar este problema.

Para o desenvolvimento do produto foram utilizados como metodologia as bases do filme documental. O filme *Fome: Até o osso* mescla os modos expositivos e reflexivos e para revelar a essência do tema, foram realizadas entrevistas presenciais que foram captadas por meio dos equipamentos de filmagens que foram dois aparelhos celulares um iPhone 11 com câmera de 12 megapixels e um Xiaomi POCO

x3 gt com câmera de 64 megapixels, ambos permitiram as filmagens em 4k. Foi utilizado um microfone lapela para captação dos áudios. A montagem foi realizada pelo editor Lucas Carvalho Moreira, que fez uso do programa Adobe Premiere para edição das imagens.

A produção do filme foi de grande importância, pois evidenciou a situação em que o país se encontra. As pesquisas realizadas para a documentação agregaram de forma enriquecedora o filme, o que fortalece a necessidade de dar visibilidade a esta carência, presente na vida de milhares de brasileiros e goianos.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEORICO

DOCUMENTÁRIO

Em 1895, em Paris, os irmãos Lumière inovaram mudando toda a forma de documentação histórica. O filme *A chegada do trem a estação*, foi um grande marco para a criação do cinema e por assim dizer, um grande marco para os primeiros filmes documentais. Essa grande inovação foi sendo aprimorada ao longo dos anos com o interesse das pessoas por essa nova maneira de registrar a realidade. Assim, em 1919, Dziga Vertov, criou um manifesto em que incentiva o compromisso com a verdade retratada em vídeos, Kino-Pravda – a verdade filmada – e com esse movimento, tivemos o registro do primeiro grande clássico *Nanook of the north* de Robert Flaherty, marcando assim o que John Grierson intitulou de documentário.

Segundo Nichols (2005), todo filme pode ser considerado documentário o que os diferenciam é a sua construção de sentido. Os ficcionais estimulam a satisfação e desejo, já os documentais procuram trazer uma representação social. O documentário tem por natureza, a intenção de transmitir a verdade do fato documentado, de forma direta, rasgando o véu da “imparcialidade” e permitindo vir à tona novas interpretações de uma mesma realidade, estimulando assim um olhar crítico, e essas interpretações surgem com base no discurso utilizado no documentário.

1.1 Documentário – conceitos e teorias

O documentário compartilha de uma via dupla entre dar ao mundo e consumir-se dele. As relações exteriores como a própria vivência pode contribuir para concepção do filme. Logo o ser retratado se vê e se identifica ou não se reconhece. Segundo Ramos (2008, p. 29) “um documentário pode ou não mostrar a verdade (se é que ela existe) sobre um fato”, por tanto o documentário afasta-se de um espelho da verdade e acaba agindo mais como um prisma dela, assim a história filmada é apenas um dos pontos de vista, uma interpretação da realidade. Da-Rin (2004, p. 48) ao falar sobre a definição griersoniana do documentário explica sobre os vieses que

o tratamento criativo conduz na criação do documentário “partindo da observação direta da realidade, não se limita a descrevê-la, mas propõe um viés interpretativo, através da dramatização”.

Então, o documentário pode ser considerado como um conceito vago, pois de acordo com Nichols (2005, p. 48), “nem todos os documentários exibem um conjunto único de características comuns. A prática do documentário é uma arena onde as coisas mudam” e tem a liberdade como característica forte, não se limita a gêneros, tão pouco há fronteiras. Apenas “existem documentários com os quais concordamos, documentários dos quais discordamos, documentários que aplaudimos e documentário que abominamos” (RAMOS, 2008, p. 29).

Ramos (2008), vai além quando define o documentário pela intenção do autor em produzir o filme, seja essa intenção uma vivência ou observação feita por ele ou apenas o alinhamento de uma ideia. Como Bernard (2008) propõe, a singularidade do documentário é o que mais difere dos filmes ficcionais, essa singularização parte do processo criativo de cada autor e para ela:

Contar histórias em documentários envolve uma série de escolhas criativas acerca da estrutura de um filme, de perspectiva, de equilíbrio, de estilo, de elenco e mais ainda. Não importa qual seja, especificamente, o seu papel e função - produtor, diretor, autor, editor, cineasta, pesquisador, editor ou produtor executivo -, decisões relativas ao modo de contar uma história serão uma constante em sua carreira. A narração de uma história está no centro da maioria dos bons documentários: personagens fortes, tensão inescapável, resolução verossímil (BERNARD, 2008, p. 1).

Dialogando com Bernard, Nichols (2005, p. 55) afirma que a “lógica que organiza um documentário sustenta um argumento, uma afirmação ou uma alegação fundamental sobre o mundo histórico, o que dá ao gênero sua particularidade”. Dessa maneira, não tem como o documentarista se excluir da história contada, ele também faz parte, e escolhe mostrar um ponto a partir de suas próprias interpretações.

É impossível ao documentarista apagar-se. Ele existe no mundo e interage com os outros, inegavelmente. O fim último é apresentar um ponto de vista sobre o mundo e, o mais das vezes, mostrar o que sempre esteve presente naquilo para onde olhamos mas que nunca vimos (PENAFRIA, 2001, p. 7).

Portanto, não há uma maneira certa de definir o trabalho produzido por um documentarista, uma vez que se apoiam na verdade visível. Porém, pode-se classificá-lo de acordo com os modos, criados por Nichols (2005) que, de certa forma, determinam como o filme será produzido, pela abordagem escolhida. Devido à fluidez do documentário o autor pode escolher mesclar os modos entre sim.

Os principais modos de se fazer documentário são: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. O modo escolhido interfere na produção e criação do documentário, bem como a forma escolhida na interação do filme. O autor traz o conceito de uma relação tripolar entre o cineasta, tema retratado e público a ser atingido. Assim ele divide a interação entre eu, eles e você.

Na relação “eu” o diretor utiliza da *voz-over*, fazendo uma intervenção na história, muitas vezes não chega a aparecer, mas quando se mostra pode ser considerado também como um personagem de sua própria história. Essa participação do cineasta pode trazer uma proximidade de sua visão singular sobre o mundo retratado. Ao dar lugar ao “eles”, dá margem para uma distinção entre o que se fala e sobre quem é falado. Já a abordagem “você”, traz uma relação com o “eles”, trazendo a ideia do discurso e atingindo o público causando um impacto por meio do compartilhamento de vivências ou interesses.

Mas o documentário não pode ser apenas uma reprodução ou compartilhamento, Deve levar a indagações e reflexões para que haja uma troca.

Em sua melhor forma e realização, os documentários devem ser mais do que um passatempo para o espectador; devem demandar seu engajamento ativo, desafiá-lo a pensar sobre o que sabe, como sabe e sobre o que mais pode querer saber. Um bom documentário confunde nossas expectativas, impele fronteiras para mais além e nos leva a mundos – tanto mundos literais como os das ideias - que até então não imaginávamos (BERNARD, 2008, p. 4).

Concordando com Bernard (2008), Lucena (2012, p. 5) complementa ao afirmar que “o documentário fala de forma direta, nos faz prestar atenção, trata quase sempre do mundo real, nos obriga a tomar posições”. Por meio do filme é que o autor vai procurar entender melhor o meio em que vive e as relações produzidas e reproduzidas no mundo. O documentário possibilita essa forma de percepção diferente sob as coisas ao nosso redor. A junção da imagem, som e jogo de cena contribui para isso. Ao falar de imagens-câmera, Ramos (2005, p. 81) define o documentário como uma representação narrativa dando sentido para a utilização desses materiais que intensifica o que chama de “asserções que trazem ao fundo a intensidade do mundo, de modo dramático, trágico, cômico, poético, íntimo”.

Além desses recursos, o conceito de “voz” tem uma grande importância para o filme. Pode ser transformado em um fio condutor responsável pela fluidez das ideias e modelador das percepções que o autor deseja que seu receptor tenha. Apesar de ser comum no filme documentário e no filme de ficção, a diferença se dá, devido ao fato que:

Na ficção, o estilo deriva principalmente da tradução que o diretor faz da história para a forma visual, dando a essa manifestação visual da trama um estilo distinto de sua contrapartida escrita na forma de roteiro, romance, peça ou biografia. No documentário, o estilo deriva parcialmente da tentativa do diretor de traduzir seu ponto de vista sobre o mundo histórico em termos visuais, e também de seu envolvimento direto no tema do filme (NICHOLS, 2005, p. 74).

O conjunto desses recursos aduz uma singularidade ao filme que força a subjetividade do diretor, bem como o cuidado com o tema retratado para assim captar a essência. Essa via dupla de captar e se transformar é frequente na criação do documentário e por vezes é comum o diretor se colocar de alguma forma através do filme e da história contada.

Ao fazer um filme algo está nos fazendo e algo está se fazendo para além de nosso fazer. O filme se faz e com ele me faço. Se o meu assunto é a realidade, não estou isento dela e nem ela está isenta de mim. Neste exercício da reciprocidade, da generosidade da entrega, vários graus de subjetividade estão interagindo entre si. A questão não é objetivar o olhar diante da realidade mas mesclar sua subjetividade com a subjetividade do outro (GUIMARÃES, 2007, p.1).

Essa subjetividade dá ao receptor a sensação de que estivesse criando laços de identificação que se alinham com a história contada. Assim, o documentário passa a ser não só uma interpretação da realidade, mas um afunilador dela, isso porque a identificação aborda a empatia pelo outro. Essa identificação é facilitada também por meio do modo de fazer documentário escolhido, este modo, surge como uma voz condutora.

Para a criação do documentário *Fome: até o osso* a abordagem escolhida teve como objetivo mesclar os modos expositivo e reflexivo. Uma vez que procura expor a problemática e relevância que o tema tem, bem como o reconhecimento da importância de se captar a essência por meio das lentes, além de incentivar a reflexão necessária no contexto em que o documentário foi produzido.

Como já proposto por Nichols (2005), é de fundamental importância enfatizar a essência de cada modo. O modo expositivo se transporta de forma mais incisiva, utilizando de recursos que podem auxiliar no direcionamento do espectador a ideia que se procura passar. Mostrar a realidade tal qual ela é.

O documentário expositivo facilita a generalização e a argumentação abrangente. As imagens sustentam as afirmações básicas de um argumento geral em vez de construir uma ideia nítida das particularidades de um determinado canto do mundo. (...) O documentário expositivo é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente ao filme. Nesse caso, o filme aumenta nossa reserva de conhecimento, mas não desafia ou subverte as categorias que organizam esse conhecimento (NICHOLS, 2005, p.144).

Ao utilizar o modo reflexivo o autor passa a incluir o espectador na história, pois cria-se uma troca que permite fazer com que o espectador enxergue a representação da realidade mostrada pelo cineasta e se sinta presente quanto ao problema do outro. Neste modo as técnicas de documentário como montagem, desenvolvimento da história e sua estrutura narrativa são mais livres, porque abarcam a reflexão do outro e o faz questionar sobre a realidade ali retratada e a realidade em que ele está inserido.

O modo reflexivo é o modo de representação mais consciente de si mesmo e aquele que mais se questiona. O acesso realista ao mundo, a capacidade de proporcionar indícios convincentes, a possibilidade de prova incontestável, o vínculo indexador e solene entre imagem indexadora e o que ela representa – todas essas ideias passam a ser suspeitas. O fato de que essas ideias podem forçar uma crença fetichista inspira o documentário reflexivo a examinar a natureza de tal crença em vez de atestar a validade daquilo em que se crê (NICHOLS, 2005, p. 166).

A utilização desses modos tem-se como objetivo capturar a realidade sob a ótica da autora deste trabalho, evidenciando a mais profunda mazela que o país se encontra, retirando o véu da ignorância e mantendo os olhos abertos para a dor do próximo. O uso do documentário como ação política e social permite à sociedade uma visão mais clara do mundo em que se vive, possibilitando assim, um brado aos que antes estavam esquecidos. O documentário tem o poder de afigurar as diversas realidades vividas e, assim, mostrar, dar nome e rosto para quem antes era apenas uma sombra.

1.2 Técnicas de produção do documentário

Desde o avanço da tecnologia que possibilitou a documentação em vídeo o ser humano nutre a necessidade de “capturar” determinados momentos. O fácil acesso a câmeras profissionais ou até mesmo de celulares, possibilitou que as pessoas registrassem tudo e com grande facilidade, contribuindo para o aumento da produção de filmes documentais, diferente das dificuldades para produzir filmes no início do século XX que ficavam reféns do enquadramento e angulação das câmeras de difícil mobilidade, pois permaneciam estáticas ao chão. Mas, até para a produção desses filmes de forma amadora, deve haver um trabalho bem planejado desde a pré-produção até a pós-produção, exigindo assim uma ampla pesquisa sobre as técnicas para se fazer documentário que auxiliem na transmissão da mensagem desejada.

Assim como a tecnologia o documentário também evoluiu, inovando e aprimorando suas técnicas, incrementando a si uma grande carga de versatilidade, no entanto, a maneira simples e prática de ser fazer documentário prevalece. É o que vemos a partir do trabalho feito pelos dois grandes documentaristas Robert Flaherty e John Grierson que desenvolveram técnicas que foram sendo aprimoradas ao longo dos anos, trazendo cada vez maiores cargas de complexidade para a produção fílmica.

Planejar e pesquisar sobre o que deseja documentar é quase como o ponto inicial para o documentário é como pensa Hampe (1997) criando assim um caminho para não se perder em meio as filmagens, Puccini (2009, p. 16), compartilha do mesmo pensamento e acredita que roteirizar as ações seria uma forma mais certa de controlar as intervenções externas que vão além das vontades do diretor, algo mais comparado ao período de 1920 a 1950, chamado de documentário clássico, “roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim”, porém o roteiro é apenas uma base para o filme, quando se trata em filmar histórias reais, com pessoa reais, não se deve prender-se a normas pré-definidas no roteiro e utilizar dele como uma base para o filme.

Uma vez que o processo criativo, principalmente para a produção de matérias audiovisuais, é movido intensamente pela criatividade

O documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta, marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre a concepção e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por uma consciência subjetiva (PUCCINI, 2009, p.15).

Continuando o processo de criação, Puccini (2009) dialogando com Hampe (1997), reforça que é fundamental pensar antes em todo o processo de filmagem, bem como nas locações para que conversem com a história contada, imaginar o cenário, planejar os enquadramentos e planos sequências, mesmo que não se saiba ao certo se serão possíveis concretizar as filmagens como na maneira desejada, esse processo de montar um roteiro facilita na montagem e organização das ideias na criação dando mais sentido ao filme.

Com a chegada do cinema direto em 1960 e o avanço da tecnologia essa ideia da organização de um roteiro para o documentário começa a ser repensada. A autonomia do filme e o afastamento do documentarista da tela, deixando apenas a

história ser contada por si só com pequenas intervenções para trazer linearidade, compondo o filme com planos mais longos e elaborados, sons síncronos e filmagem discreta. E para auxílio dessa linearidade, é que se tem diversas etapas na criação do filme, entre elas destacam-se a pesquisa, argumentação e abordagem do tema, filmagem e montagem.

A pesquisa é o como o ponto inicial para o desenvolvimento do documentário é a partir dela que se estrutura a ideia principal. Rosenthal (1996) acredita que a pesquisa é o fio condutor para realizar um bom trabalho, “dentro dos limites de seu assunto, você deve tentar descobrir tudo aquilo que for dramático, atraente e interessante” (1996, p.36), assim ele lista fontes de pesquisa que vão ajudar a embasar na criação do filme:

1. Material impresso.
2. Material de arquivo (filmes, fotos, arquivos de som).
3. Entrevistas.
4. Pesquisa de campo nas locações de filmagem.

É nessa fase inicial em que se consome o máximo possível de inspirações, o autor costuma criar um acervo em volta do assunto, e a partir da pesquisa é que se pode iniciar a procura pelas fontes e as pré-entrevistas. O primeiro contato tende a ser mais cauteloso, “Rosenthal prefere um cara a cara com o entrevistado, isto é, fazer ele mesmo a pré-entrevista, para que assim possa iniciar um vínculo com seus personagens” Puccini (2009, p. 33) apud Rosenthal (1996, p. 39). Com primeiro contato com a fonte, o documentarista começa a traçar quais as perguntas seriam melhor escolhidas para complementar seu documentário, como Puccini (2009) diz esse processo, faz com que o documentarista produza duas entrevistas a inicial a partir da pesquisa que vai servir como base para entrevista da filmagem.

Para Eduardo Coutinho o primeiro contato com o personagem deve ser usado para conversas triviais, assuntos que vão ter relação com o tema do documentário devem ser feitos na frente das câmeras, para não haver o risco de o personagem não dizer algo importante para história porque já disse antes na entrevista inicial como reforça Puccini (2009).

A argumentação do tema escolhido pode ser tratada como os motivos que faz dessa história algo importante a ser contado. E a nossa tarefa como documentarista “é identificar esse algo. Pode ser um conteúdo, pode ser a convicção de um caminho, pode ser uma curiosidade sincera, enfim uma forte conexão realizador-assunto que

proporcione o alimento necessário a sua longa jornada” Wainer (2010, p. 54), e mostrar para o outro a real motivação para se contar essa história. A partir dessa argumentação que se é pensado na melhor abordagem e muito se dá pelo tom que se é desejado passar para quem vai assistir

O realizador deve perguntar-se: desejo apresentar uma convicção que tenho, denunciar/mobilizar uma injustiça, ou algo em desequilíbrio, fazendo de minha produção uma ferramenta (“martelo”) de transformação social? Ou quero investigar algo, conhecê-lo, deixar-me levar pelas ocorrências imprevistas, surpreender-me e com isso surpreender a audiência com o improvável e desconhecido (“espelho”)? Ou ainda, minha intenção é fazer uma aproximação estética, experimentando o áudio e imagens em movimento como ferramenta de expressão, sem pretensão a nenhum tipo de conclusão, proporcionando diferentes resultados em cada espectador que assiste ao programa final? (WAINER, 2010, p. 55).

Assim são criados os tipos de abordagens que variam entre celebratórias, experiência positiva, a evidenciação de tribos ou grupos, comportamentos, inclusão social, investigação de um problema, lugares, transformações, trazer um novo olhar para pautas genéricas, histórias, investigações de interesse profissional, teses e manifestos. As abordagens de inclusão social e investigação de um problema são de teor mais humanista procuram evidenciar problemas que estão entrelaçados as condições humanas, observando todos os contextos históricos em que essas condições foram implantadas, geralmente propõe um debate, mas não trás soluções, porque os filmes documentais estão além de meras soluções a intenção maior é problematizar as questões evidenciadas. Wainer (2010, p. 85) lista o caminho para a estruturação do trabalho:

- . Será a ação de um personagem em um determinado tempo e espaço, com seus diálogos e interlocuções?
- . Serão os acontecimentos acerca de um lugar, revividos por depoimentos?
- . Talvez somente imagens, com falas espontâneas entre as pessoas, a serem editadas dentro de certa unidade temporal.
- . Serão falas de especialistas direcionadas para a câmera, em torno de um assunto?
- . Será a descrição de um fato (histórico, social, comportamental) de maneira impessoal, almejando um posicionamento o mais objetivo possível?

Escolhidos o caminho que mais se enquadra na ideia inicial do filme, agora é hora de pensar no processo de filmagem e montagem. Para a filmagem deve ser escolhido os personagens que de fato contam o porquê do tema escolhido. Deve sempre haver uma boa seleção de quais fontes são necessárias

Esses personagens podem assumir formas diversas, não necessariamente se limitarem a personagens sociais, mas se estenderem a entidades abstratas, forças da natureza, espécies biológicas ou de animais como no caso dos documentários naturais. Para que o discurso do documentário construa uma narrativa é necessário que esses personagens façam alguma

coisa (ação) em um determinado local durante um determinado tempo. Nem todos os personagens envolvidos em um documentário desempenham necessariamente uma ação dramática que possa ser encaixada dentro de uma estrutura narrativa (PUCCINI, 2009, pP. 38).

A utilização de personagens pode trazer um certo impacto para quem assiste, segundo Rabiger (1998). Filmes com abordagens sociais ou relatos de problemas tende a derrubar murros e realçar o lado humano do espectador, aflorando a empatia entre quem assiste e quem foi filmado, é algo bem explorada na montagem dos documentários de sucesso. O autor especifica os cuidados para a produção de um filme documentário (RABIGER, 1998, p. 116):

- Personagens interessantes que estão tentando obter algo;
- Uma boa e bem situada exposição das informações necessárias, não muita e apresentadas não muito cedo;
- Tensão e conflito entre forças oponentes;
- Suspense dramático não exatamente do tipo em que pessoas ficam dependuradas em penhascos, mas situações que intrigue o espectador e faça-o julgar, se antecipar, conjeturar, comparar;
- Bom desenvolvimento de pelo menos um personagem ou ação principal;
- Confrontação entre as forças ou elementos principais;
- Um clímax de forças ou elementos opostos
- Uma resolução.

Na reta final está a montagem do filme, é a partir dela que todo o trabalho feito e organizado vai fazer sentido para os espectadores. As imagens e sons captados são alinhados para a construção do sentido. Nessa fase é importante dar atenção aos tipos de sequências. Swain (1967, p. 44) lista alguns:

1. Sequências montadas para expressar um conceito, uma ideia ou pensamento;
2. Sequências montadas para cobrir uma ação;
3. Sequências que introduzem um cenário, ambiente ou lugar;
4. Sequências que apresentam um personagem;
5. Sequências que servem para criar um clima para o documentário.

A montagem permite uma criatividade maior, caso as demais etapas forem seguidas de maneira certa. As sequencias do documentário possibilita dar vida ao filme. Puccini (2007) ao especificar as etapas do tratamento e os elementos do documentário divide a imagem em três grupos: 1) tomadas em direto – obtidas durante

as filmagens; 2) material de arquivo – origem diversas, incluídas na montagem; e 3) recursos gráficos – animações, recortes ou ilustrações de dados.

Outro recurso de fundamental importância na construção é o som que são divididas em cinco campos de utilização: som direto; som de arquivo; voz over; efeitos sonoros; e trilhas musical. (Puccini, 2009, p. 130). O som direto é o som original, obtido nas filmagens, os sons de arquivos são retirados de outros trabalhos como filmes, a voz over é a narração do documentário, e os efeitos e trilhas são implantados na edição colocados sempre para dá impacto a determinadas cenas.

A construção do documentário se estrutura em uma linha de início, meio e fim, a montagem deve ser feita pensada na melhor forma de atrair o interesse de quem assiste, desenvolvendo a história em seus pontos altos e dando linearidade. Puccini (2009), destrinchou esse percurso na montagem, no início do filme, ele reforça a necessidade de apresentação do assunto que pode ser feita pela apresentação dos personagens ou o uso de textos que introduzem o assunto, outra maneira é a utilização do recurso de voz over que “entra sobre uma sequência de imagens e introduz o espectador às questões a serem trabalhadas pelo filme” (Puccini, 2007, p. 117).

Ao conseguir a atenção do telespectador o desafio continua em manter ele preso ao filme. “O miolo do filme deve tratar preferencialmente das complicações do problema exposto no início. Essas complicações nascem da confrontação entre forças opostas” (Puccini, 2007, p.119) por isso é necessário fazer pesquisas bem apuradas sobre o tema que vão auxiliar na montagem do documentário.

Por fim é de se esperar uma resolução para o filme, mas para filmes documentais não existe uma resolução prática, “documentários tratam sempre de assuntos que são maiores do que o filme, de conflitos que não serão resolvidos pelo filme” (Puccini, 2007, p.121).

1.3 História do documentário no Brasil

As primeiras documentações em vídeo e salas de exibição no Brasil são de cineastas estrangeiros. Essas salas eram bem frequentadas e atraíam grandes quantidades de espectadores que acompanhavam os filmes de “tomada de vista” predominando entre os anos de 1896 até 1908. Os irmãos Paschoal e Afonso Segreto,

são grandes responsáveis pela implantação do cinema no país, a primeira sala fixa pertencia a Paschoal Segreto, e Afonso Segreto. Afonso, a bordo do navio “Brésil”, realizou o primeiro filme documental, filmando a Baía de Guanabara. Assim eles marcaram época e lançaram um estilo de filmagens documental que eram de carácter expedicionário, registros de cerimônias e acontecimentos históricos (GONÇALVES, 2003).

Segundo o autor, entre as décadas de 1910 e 1920 os recursos ainda eram escassos e de alto custo e os registros eram feitos como cinejornais e documentários servindo como base para a produção dos filmes ficcionais e filme institucional brasileiro. Logo se popularizou filmar os extremos, como regiões e comunidades distintas, assim os filmes etnográficos apresentaram um Brasil exótico para o mundo.

Os 100 anos de independência do país, em 1922, fez com que o então presidente Epitácio Pessoa criasse uma comissão para organização do evento, que entre as atrações estavam a exibição de filmes. Diversos documentaristas participaram, entre eles destaca-se Silvino Santos com o filme No País das Amazonas (1922), que foi um retrato das vivências e explorações dessa região, Silvano incentivado com essa temática criou um grande recurso registro antropológico (VIEIRA, 2006).

Em 1936, com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), segundo Gonçalves “O Instituto pretendia mostrar uma imagem positivista do Brasil, com intenção de democratizar o conhecimento partindo das classes intelectualizadas para as desfavorecidas” (2006, p. 81), a criação coincidiu com o período do Estado Novo, a frente do instituto estava o cineasta Humberto Mauro, que realizou centenas de filmes como o mesmo teor. Com o fim do Estado Novo, os filmes passaram a ser mais profundos, na intenção de captar as mazelas do país (GONÇALVES, 2003).

O legado que Humberto Mauro deixou fez com que seus filmes se distanciassem do ficcional e se aproximassem ainda mais do documental, sendo a câmera seu único instrumento para as filmagens. Outro grande responsável pela evolução do documentário brasileiro foram os movimentos estudantis, por meio da União Nacional dos Estudantes (UNE), que produziu filmes de abordagem sobre o contexto social da população na época.

Bernardet resume os primeiros anos do cinema documental no Brasil:

Até os anos 50, o curta-metragem brasileiro, embora importante – cinejornal, filmes turísticos ou oficiais, números musicais etc. e revelador de diversos

aspectos da sociedade e da produção cinematográfica, não é um cinema crítico. É no decorrer da década de 50 e com os primeiros filmes de curta-metragem do Cinema Novo que essa forma de cinema deixa de ser a sala de espera do longa-metragem ou a compensação de quem não consegue produções mais importantes. Nele se cruzam problemas da sociedade brasileira e da linguagem cinematográfica (2003, p. 11).

Nos anos 1960 o Cinema Novo ou Cinema Verdade carregado de grande influência de Dziga Vertov, lançou uma nova leva de cineastas brasileiros que defendiam:

O fim do cinema ficcional e exaltava o cinema documental como sendo o único cinema "puro", o "cine-olho" em que o realizador libera a câmera de estúdios e tripés e é empunhada pelo fotógrafo que parte para o mundo, filma o "real" e o exhibe ao povo, conscientizando para sua situação de explorado e as contradições da sociedade (ALTAFINI, 1999, p.12).

Essa ideia de um cinema mais puro fez com que as entrevistas e o uso de voz over passassem a ser mais frequentes e uma estética mais simples foi utilizada por diversos documentários que se tornaram referência como Viramundo (1965), de Geraldo Sarno; Opinião Pública (1966), de Arnaldo Jabor e Liberdade de Imprensa (1967), de João Batista de Andrade.

Nestes primeiros documentários (anos 60), o encadeamento das sequências existe num raciocínio lógico, que mistura a análise do fenômeno com a evolução da ação. Linguagem e discurso são adaptados para atestarem um argumento que signifique o real. Não se colocando como uma representação ou como uma elaboração, mas a expressão do real vivido (VIEIRA, 2006, p.3).

Com o avanço tecnológico em 1970 o documentário se modificou novamente, trazendo um aspecto mais elitizado para as filmagens que agora tinham como aliados as emissoras de TV. Segundo Vieira (2006), essa junção entre o documentarista produzindo de forma jornalística e ao mesmo tempo dramaturgicamente contribuiu para o esquecimento das causas sociais que antes era explorado pelos cineastas. Foi nesse período também que os documentários exploraram ainda mais o processo de montagem e recursos de som. No final da década de 1970 e início dos anos 1980, o documentário volta as raízes políticas do país produzindo ainda mais material com vertentes políticas, ideológicas e sociais. Alguns filmes que se destacam nesse período são A Greve (1979), de João Batista de Andrade; Cabra Marcado para Morrer (1984), de Eduardo Coutinho; Terra para Rose (1987), de Tetê Moraes.

O filme de Eduardo Coutinho foi o despertar do documentário, modificou o cenário da época pela carga inovadora que Coutinho trouxe no ligamento de vários planos e pela inclusão de sua produção nas filmagens

Ao trabalhar com vestígios, com a fragmentação dos fatos e com a memória, Coutinho recupera o passado, reconstitui o presente e espera o futuro. O realizador participa da narrativa, vivendo sua história, não só atrás da câmera, como também na frente dela, participante e presente junto com os outros personagens. É a primeira vez, na história do documentário no Brasil, que o cineasta se assume enquanto ponto de vista (VIEIRA, 2006, p.4).

O período da ditadura militar afetou as atividades cinematográficas no país e por consequência as medidas do governo de Fernando Collor, declarou em 1990 o fim da Empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima (Embrafilme), até então grande responsável pela produção e difusão do cinema brasileiro. Com isso, os documentaristas se apoiaram nas emissoras de televisão que passaram a exibir e financiar os documentários que eram relativamente mais baratos pois seguiam o processo de filmagem câmera na mão, além da possibilidade de contemplação de recursos do governo com finalidade de fomentar a cultura e a produção audiovisual.

Esse apoio era visível nas novas produções que se tornaram referência para a época se tornando “uma amostra do que caracteriza a pluralidade de temas e o hibridismo das linguagens que de uma certa forma retomam temas relacionados com o povo brasileiro, nossos costumes, contradições e cultura” (ALTAFINI, 1999, P.23). Foram produzidos diversos filmes e séries documentais que ocuparam espaços nas emissoras de TV e nos cinemas, desbancando os filmes ficcionais.

No final dos anos 1990, surge o que Altafini (1999, p. 24) chama de “releitura do Cinema Novo”, que são os filmes feitos com baixo orçamento inspirados no movimento dinamarquês Dogma 95, destacasse o longa Nós que Aqui Estamos por vós Esperamos, de Marcelo Masagão (1999). Neste mesmo período, Eduardo Coutinho volta à cena utilizando o método do cinema-verdade que otimizava a equipe de gravação e possibilitava uma montagem em primeira pessoa, Santo Forte (1999) e Edifício Máster (2002), filmes que fizeram de Coutinho, um dos maiores documentaristas do Brasil.

O gênero passou a levar milhares de pessoas aos cinemas e festivais. O avanço tecnológico influenciou também no aumento das produções, os cineastas que antes produziam curtas passaram a produzir longas-metragens. No entanto, apesar de sua popularização, o documentário não ocupou espaço do cinema ficcional. Neste período “A convergência de linguagens e o hibridismo dos suportes marcam os trabalhos, buscando uma relação mais sensorial com a realidade, indicando novos caminhos ao documentário” (GONÇALVES, 2003, p.89).

Podemos dizer que o documentário foi se impondo enquanto gênero ao longo de sua história e tradição, mas ainda assim permanece em debate constante entre os teóricos, críticos e realizadores. Se a realidade pulsa no interior do filme documental, é devido a elementos estéticos tradicionais do gênero, pois trazem em si a memória dessa história de usos e sentidos, dão às obras valor documental e atestam sua aparente unidade enquanto realidade (KREUTZ, 2018, p.5).

No início dos anos 2000 o cinema documental, apoiando-se recursos de utilização de imagens de arquivos da grande mídia, passa a alinhar a produção do documentário com essas imagens, estimulando uma nova percepção e interpretação dos telespectadores com o que era mostrado. Os personagens dos filmes passaram também a ter mais autonomia em frente as câmeras, exemplos de filmes que mesclavam dessas características são o Ônibus 174, de José Padilha (2004), A Alma do Osso, de Cao Guimarães (2004), O Prisioneiro da Grade de Ferro, de Paulo Sacramento (2004).

Cada vez mais os documentaristas passaram a criar um próprio estilo de filmagem, muito inspirado por Eduardo Coutinho, que mescla diversas técnicas e modifica sempre seu olhar em cada novo filme, essa presença mais prática, impulsionou ainda mais os cineastas em produzir filmes de modo mais autoral. No documentário Santiago, de João Moreira Salles (2007), vemos muito a presença do diretor e do personagem. Também percebemos esse modo mais autoral em Elena, de Petra Costa (2012).

É perceptível que as vertentes que estimulam as filmagens documentais no Brasil envolvem muito o período e processos de desenvolvimento que o país esteja passando. Os mais recentes filmes evidenciam isso, o que fez com que filmes lançados nessa última década se consagassem no mundo todo. Um exemplo é Democracia em Vertigem, da Petra Costa (2019), que foi indicado ao Oscar, e o também premiado no Festival Internacional de Cinema de Berlim, Bixa Travesti, de Claudia Priscilla e Kiko Goifman (2019).

Desde as primeiras documentações em vídeos os documentaristas brasileiros passaram a desenvolver suas próprias técnicas e estilos que compactuaram para que o documentário ganhasse destaque no país e espaço no mundo, as produções por aqui feitas são consideradas de grande qualidade, fazendo com que o Brasil se tornasse uma fonte que alimenta os grandes festivais e se banha de diferentes modos e diversidade.

2 Da insegurança alimentar até a fome

Cerca de 125,2 milhões de pessoas se encontram em situação de alguma insegurança alimentar no Brasil de acordo com o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, estudo realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), divulgada em junho de 2022. São números assustadores, pois equivale à marca de 58,7% da população, mais da metade dos brasileiros, de um país rico, com população na atualidade de mais de 215 milhões de habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022).

Quando se trata de insegurança alimentar em qualquer um dos níveis, mesmo que houvesse a possibilidade desse número ser menor, é preocupante. No entanto, ao expor esse estudo da Penssan (2022) faz-se um alerta para o que se pensava ser apenas a ponta de um enorme iceberg. Deve-se ter um olhar atento para esses resultados, porque não se trata apenas de números, mas sim pessoas que passam por dificuldades que as fazem conviver diariamente com a fome ou a insegurança alimentar em algum grau.

Segundo o inquérito da Penssan (2022), de cada dez domicílios somente quatro no Brasil conseguem manter o acesso a alimentação de forma plena. Isso significa que seis domicílios convivem diretamente com a insegurança de não saber como vai se alimentar ou a certeza de que não conseguirá realizar nenhuma refeição. Para entender a gravidade dessa informação é preciso saber como se subdivide os níveis da insegurança alimentar que são: leve – incerteza quanto à qualidade e acesso a alimentação; moderada – quantidade insuficiente; e grave – privação do alimento ou fome.

A fome, uma velha conhecida dos brasileiros, sempre esteve presente e muitas das vezes ao olho nu, visível para quem observasse com cuidado uma pessoa em situação de extrema pobreza. No entanto, com o tempo, essa privação da alimentação não ficou exclusiva apenas para pessoas da extrema pobreza, hoje 33 milhões de pessoas se encontram em situação de fome.

Números como esses não se viam desde a década de 1990, quando o sociólogo Herbet de Souza, o Bentinho, criou a Ação da Cidadania, um movimento que tinha como objetivo combater a fome, a miséria e lutar pela vida. O movimento

que nasceu em 1993, quando se tinha 32 milhões de brasileiros abaixo da linha da pobreza, de acordo com dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), da época. Para conscientizar a todos a respeito do problema que o país estava enfrentando foi escrito a “Carta de Ação da Cidadania”, um movimento a partir da junção de diversas entidades, criando assim uma secretaria de âmbito nacional que tinha como o principal objetivo extirpar a fome.

Carta nacional convocatória para a Ação da Cidadania

Chegou a hora de colocarmos um basta nesse processo insensato e genocida, gerador da miséria absoluta, que coloca milhões de pessoas nos limites insuportáveis da fome e do desespero.

(...)

O tempo da miséria absoluta e da resignação com esse quadro acabou. O tempo da conciliação e do conformismo acabou. A sociedade brasileira definiu a erradicação da miséria como sua prioridade absoluta.

(...)

Essa deve ser a prioridade da sociedade e do Estado. Essa é a obrigação de cada um e de todos. Do Governo Federal e do Congresso. Dos Governos Estaduais e Municipais. Das entidades da sociedade civil. Dos trabalhadores e dos empresários. Este é, hoje, o grande divisor de águas entre nós; entre os que querem erradicar a miséria ainda nessa geração e os que insistem em ficar diferentes diante de uma tragédia que ameaça nossa própria existência como nação e como humanidade.

(...)

O Brasil precisa mobilizar todas as suas energias para mudar de rumo e colocar um fim à miséria. Deve criar, em todos os lugares e com a participação de todas as pessoas, a Ação da Cidadania na luta Contra a Miséria e Pela Vida.

(...)

Movimento pela Ética na Política

Brasília, março de 1993

(FICO, Carlos. IBASE – Usina de Ideias e Cidadania. p.168, apud STACCIARINI, p.87, 2002).

O cenário de quase 30 anos atrás se tornou realidade novamente devido ao desmonte de políticas públicas de combate a insegurança alimentar, não muito diferente do que se enfrenta nos anos de 2019 a 2022. O mundo passou por uma grande pandemia de Covid-19 durante os anos de 2020 a 2022 e por consequência a fome cresceu em todo o planeta. Segundo o relatório Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2022, divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), o número de pessoas que conviviam com a fome em 2021 era de 828 milhões (ONU, 2022).

O que antes era um objetivo, acabar com a fome no mundo, se tornou ainda mais difícil de ser conquistado devido a pandemia. As medidas que cada país tomou durante este período tem consequência direta nessa crescente. No Brasil não é diferente, a estagnação econômica, a falta de investimento em programas e políticas

públicas contribuíram para que o país chegasse em números tão altos de pessoas que se encontram em situação de insegurança alimentar ou fome.

Castro (1984) explicita as principais causas que contribuem para que a fome no país continuasse sendo um assunto atual. Entre as causas, ficou evidente que o desenvolvimento econômico implantado pelo país que mantém a concentração de riqueza na mão de poucos ou benefícios destinado apenas a pequenas parcelas da população, além do não investimento nas regiões mais pobres. O autor considera que essa centralização de renda apenas nas mãos de certos grupos, vem freando o desenvolvimento e a redução dos números da fome.

A fome, tanto global como específica, expressa nas inúmeras carências que o estado de nutrição do nosso povo manifesta, constitui, sem nenhuma dúvida, o fator primacial da lenta integração econômica do país (CASTRO, 1984, p. 290).

No entanto, para Blyth (2017), estes aumentos “estão diretamente associados às medidas de austeridade, considerada, acima de tudo, um problema político de distribuição e não um problema econômico” (apud SIONI *et al.*, 2020, p.5), diferente do que se pensava em relação a fome, que era tratada como natural ou provocado pelas próprias pessoas que se encontravam nessa situação, e era possível defender uma Teoria Neomalthusiana, uma vertente menos conservadora da Teoria Malthusiana, de Thomas Malthus (1766 – 1834), que defendia um controle populacional para acabar com a fome e a pobreza.

Independente do aumento populacional ou das fraquezas que a pandemia evidenciou, o Estado tem o dever de cumprir seu papel em garantir os direitos básicos de alimentação e de subsídios para a população.

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 2015).

Porém, apesar do direito resguardado pela constituição o que se viu foi o sucateamento das políticas públicas e o não cumprimento desse dever. O ex-diretor da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), José Graziano, que em 2014 anunciou a retirada do Brasil do Mapa da Fome da ONU, alerta que o governo Bolsonaro (2019 – 2022) seguiu os passos do governo Temer (2016 – 2019). Graziano afirma que não percebia a fome sendo uma prioridade durante a pandemia e que a organização desse sistema seria necessária, mas até lá

“Pagaremos um preço alto, altíssimo, de muita gente que vai morrer de fome se não morrer do coronavírus” (MELITO, 2020).

O ex-diretor previu de forma óbvia os resultados assustadores que viriam com o tempo. No Brasil, no ano de 2022, mais de 690 mil pessoas foram a óbitos devido a covid-19 (CORONAVÍRUS BRASIL, 2022). Segundo o relatório O Vírus da Fome se Multiplica, divulgada pela Oxfam (2021), havia a previsão de 11 mortes por minuto em decorrência da fome intensa no ano de 2021.

Apesar dos alarmantes resultados, quando questionado, o então presidente Jair Bolsonaro (2019 – 2022), falou que “Passar fome no Brasil é uma grande mentira” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2019) e chegou a minimizar o dado de que 33 milhões de pessoas se encontravam nessa situação, Penssan (2022), em entrevista para um podcast disse que "Fome no Brasil? Fome para valer, não existe da forma como é falado" (G1, 2022).

O Brasil vem de um grande histórico de insegurança alimentar, e estar novamente no mapa da fome pode ser considerada uma vergonha para todos os brasileiros, pois foram anos de lutas e implantação de políticas e programas voltados para erradicação desses problemas, e chegou a ser exemplo para os países que buscavam o caminho para fora das estatísticas. No início dos anos 2000, quando o país vivia os resquícios do sucateamento e os altos números de pessoas que conviviam com a fome, o programa Fome Zero, proposto durante campanha eleitoral, foi implantado com a vitória do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

De acordo com Rezende (2022), o governo de Lula foi marcado pelo comprometimento na retirada do país do Mapa da Fome, com diversos programas e projetos que formaram uma ação unificada entre todo o governo. Ações que ora funcionaram e em outros momentos precisaram ser reformuladas. Assim, em 2014 o país saiu do Mapa da Fome da ONU.

Esse feito durou poucos anos. Com a recente pesquisa divulgada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), entre os períodos de 2019 – 2021, o Brasil chegou à porcentagem de 4,1% da prevalência de desnutrição e quando avaliado a prevalência de insegurança alimentar moderada ou grave, o Brasil chega a 28,9% da população total, o indicador para classificar a entrada de um país no Mapa da Fome é de 2,5% (FAO, 2022).

Apesar de muitos não conviverem diretamente com a fome, ela está presente no país e atingindo mais da metade da população. Para enxergar sua raiz não é necessário ir longe, e para observar a insegurança alimentar, basta apenas um olhar mais atento para seu bairro, sua rua e as pessoas a sua volta. A fome não tem rosto, mas segundo Penssan (2022), tem cor, gênero e se encontra em lares desamparados de pessoas desempregadas, que tem baixa escolaridade e filhos.

2.1 As políticas públicas de combate à insegurança alimentar no Brasil: Collor (1990) a Lula (2023)

Os problemas enfrentados pelo Brasil de hoje em relação ao do início dos anos 1990, tem muita relação com os governos de cada época e suas respectivas ações para o combate à fome. O processo de reestabelecimento econômico que foi feito em 1990, além do enfraquecimento das políticas públicas no governo de Fernando Collor, contribuiu para o desmonte de programas de combate à fome.

Ao analisar o período março de 1990 a 29 de setembro de 1992, verifica-se que, dentro do discurso da estabilização econômica, da modernização do Estado e da economia, o Brasil Novo, desencadeou uma brutal redução dos recursos financeiros, esvaziamento e/ou extinção dos programas de alimentação e nutrição. Além disso, esses programas também se tornaram alvo dos desvios de verbas públicas, de licitações duvidosas e de outros mecanismos ilícitos que caracterizaram a escandalosa corrupção instalada no interior daquele governo (VASCONCELOS, 2005, p. 447).

Itamar Franco assumiu o governo logo após o impeachment de Collor em 1992 e uma de suas ações foi incluir pautas que contribuísse para a diminuição dos números da fome, foi a partir de seu mandato que o Plano de Combate à Fome e à Miséria (PCFM) foi instituído e no mesmo ano foi criado o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). A primeira Conferência Nacional de Segurança Alimentar, aconteceu em 1994, em Brasília, e assim foi reformulado e retomado os programas de combate (BEGHIN, 2022 *apud* BURLANDY, 2009, 2011).

O processo de combate à fome no Brasil é caracterizado pelas inúmeras idas e vindas nas políticas implantadas. Durante os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso (FHC), a fome que havia sido colocada como prioridade antes em seu governo se tornou um segundo plano. Segundo Beghin (2022), FHC lidou com o combate à fome de uma maneira compensatória seguindo uma “agenda liberal do combate à pobreza estruturada em torno da focalização nos empobrecidos, da parceria com o chamado Terceiro Setor”.

Uma das primeiras ações de FHC no governo foi substituir o Consea pelo conselho Comunidade Solidária, no intuito de trazer uma nova estratégia de melhorias para combate à pobreza. Seguindo essa linha de reformulação de programas, o Governo Federal em 1996, lançou as novas funções do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), mas somente em 1997 suas ações foram efetivas no fomento ao emprego e a renda (GUIMARÃES, 2022 *apud* AQUINO; SCHNEIDER, 2011).

A Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) ganhou ainda mais importância com o Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN), em 1998. No mesmo ano, a Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição (CGPAN), que foi vinculado à Secretaria de Políticas de Saúde do Ministério da Saúde, e por meio dessa coordenação o programa Bolsa Alimentação foi criado, garantindo uma complementação da renda no valor de R\$ 15,00 a R\$ 45,00 por mês de acordo com a quantidade de beneficiários de cada família (VASCONCELOS, 2005).

O último mandato de FHC (1999-2002) foi marcado pelos enfraquecimentos das ações por parte do Conselho da Comunidade Solidária, a extinção e substituição de programas. Em 2001, foi elaborado o Projeto Fome Zero: Uma proposta de Política de Segurança Alimentar para o Brasil, pensado como proposta de campanha do então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, que garantiu sua vitória nas eleições de 2002.

Beghin (2022), ao reconhecer os esforços do governo em combater à pobreza, à miséria e principalmente à fome na década de 1990, definiu as dificuldades para se obter resultados definitivos:

A falta de prioridade política; recursos insuficientes para garantir um atendimento adequado; ausência de uma política mais agressiva na área do abastecimento popular; falta de flexibilidade para atender às demandas das comunidades locais; e fragilidades do controle social e da participação da sociedade (BEGHIN, 2022, p. 14).

Com a início do governo Lula em 2003, a fome voltou a se tornar uma prioridade, percebido pelo lançamento do Fome Zero, a recriação do Consea, a elaboração de novos planos de Segurança Alimentar e Nutricional, e a implantação do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan). Para transparecer seu compromisso com as propostas de acabar com a fome no Brasil conforme seu discurso de posse no Congresso Nacional em 1º de janeiro de 2003.

[...] Por isso, defini entre as prioridades de meu governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de “Fome Zero”. Como disse em meu

primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida. É por isso que hoje conclamo: Vamos acabar com a fome em nosso País. Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da Petrobrás e a memorável luta pela redemocratização do País. Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana (LULA, 2003, p. 1).

Lula chegou a reafirmar seu compromisso em seu discurso no Parlatório do Planalto diante da Nação e propôs iniciar a campanha contra a fome de forma imediata. As ações do programa Fome Zero, segundo Vasconcelos (2005), se dividiam em três frentes políticas sendo estrutural (que esmiuçava a raiz da problemática da fome e da pobreza, dando soluções como a geração de emprego e renda), específica (voltadas de forma emergencial como a criação de programas específicos) e local (a adaptação de programas que foram bem-sucedidos).

Apesar das grandes ações voltadas para a problemática da fome o programa inicialmente foi duramente criticado devido o teor assistencialista que vinha por parte de doações

Observou-se uma intensa propaganda governamental para sensibilizar a população em torno do Fome Zero e, inicialmente, parece ter ocorrido uma adequada adesão da sociedade civil e de empresários ao programa. Ao final do primeiro ano, entretanto, a extinção do Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome (MESA) e a transferência da coordenação do Fome Zero para um novo ministério constituem os principais indícios da duvidosa eficácia das ações até então desenvolvidas pelo programa (VASCONCELOS, 2005, p. 451).

Foi necessário criar uma frente ampla que garantisse um segurança alimentar a população e que cumprisse com as promessas feitas durante a campanha. Para isso, foi feita uma análise com base em políticas de governos anteriores, assim foi percebido que a distribuição de alimentos não trazia o resultado esperado. Então foi pensado na junção de diversos programas já existentes que utilizavam da transferência de renda, que apesar de apresentar problemas na sua estruturação se enquadrava melhor as necessidades para se garantir uma segurança alimentar e nutricional. Assim, foi pensado e colocado em prática o Bolsa Família, em 2003 durante governo Lula, fruto da junção de programas criados ainda no governo FHC, como o Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Auxílio Gás, Bolsa para Erradicação do Trabalho Infantil (BEGHIN, 2022).

Durante este período, para as famílias receberem o benefício, a renda per capita mensal deveria ser de até R\$ 60,00 ou variar entre R\$ 60,01 e R\$ 120,00, nas famílias que possuam gestantes, lactantes ou crianças e adolescentes de até 15 anos. Os benefícios eram “um básico no valor de R\$ 50,00 e outro variável no valor de R\$ 15,00 para cada criança ou adolescente no limite até o limite de R\$ 45,00”. Para as famílias estarem aptas a receber esses valores, precisavam “manter suas crianças e adolescentes em idade escolar frequentando a escola e cumprir com os cuidados básicos em saúde (calendário de vacinação para as crianças entre 0 e 6 anos e agenda pré e pós-natal para gestantes e mães em amamentação)” (MALUF, 2006, p. 19).

Segundo Maluf (2006), a adesão ao programa foi tão significativa que em 2006 atingiu a marca de 11,1 milhões de famílias em todo o país, com destaque a região Nordeste, que correspondia a metade desse valor e a região Sudeste com um quarto. O programa atendia famílias em todos os municípios brasileiros, no entanto sofria dificuldades em chegar até as populações específicas como pessoas em situação de rua, quilombolas, indígenas e comunidades isoladas.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) foi universalizado com a publicação da Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, onde determinava o repasse de no mínimo 30% do valor para compra de alimentos diretamente ligados a agricultura familiar via Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), destinado ao PNAE.

Durante o mandato da primeira presidenta do Brasil, Dilma Rousseff (2011 - 2016), foi criado o Programa Brasil sem Miséria (PBSM) que tinha como principal objetivo superar a extrema pobreza que ainda assolava o país. O programa se paramentava em três pilares:

Garantia de renda, na tentativa de suavização de situações imediatas de extrema pobreza; acesso a serviços públicos, estimulando a melhora nas condições de saúde, educação e cidadania; e o terceiro na inclusão produtiva, criando oportunidades e aumentando as capacidades de trabalho, proporcionando geração de renda para as famílias mais pobres. O Plano também contribuiu para um aprimoramento ao PBF, que retirou 22 milhões de pessoas da miséria (GUIMARÃES, 2022 *apud* COSTA; CAMPELLO; FALCÃO, 2014, p. 43).

Em 2012, foi feita uma ampliação do Programa Bolsa Família com a criação do Programa Brasil Carinhoso que aumentou o repasse Federativo e, por consequência, os investimentos na merenda escolar. Ainda pela promoção da segurança alimentar

e nutricional foi colocado em vigor 1º Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PLANSAN), e também o Marco de Educação Alimentar e Nutricional.

Essas políticas de combate a fome fizeram com que o Brasil se tornasse reconhecido mundialmente por reduzir os números em 82% relacionado a população considerada em situação de subalimentação e assim o país saiu do mapa da fome em 2014 (BRASIL, 2014).

Após o golpe, por meio do impeachment de Dilma Rousseff em 2016, seu vice Michel Temer (2016 - 2018) assumiu o governo. Os investimentos, que já vinham sendo reduzidos, chegaram a quase nada. Suas principais ações se destacaram com a extinção do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e a aprovação da Emenda Constitucional nº 95/2016, chamada de “Teto de Gastos”, que limitava os gastos do governo por um período de 20 anos, com prazo até 2036 (GUIMARÃES, 2022).

O governo de Jair Messias Bolsonaro (2019 - 2022) também seguiu o desmonte dos programas de políticas públicas do combate à fome. O Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) foi extinto ainda nos primeiros dias de governo, em 2019. A Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) sofreu um desmonte e os demais programas passaram por uma reformulação e redução de verbas.

Com a extinção do CONSEA, em 2019, e do PAA, em 2021, além do enfraquecimento da institucionalidade que outrora fortaleceu a busca pela Segurança Alimentar, é possível identificar um certo descaso com as iniciativas de combate à fome no país. A ausência de uma forte presença federativa e o comprometimento do desenvolvimento das atividades humanas em função do afastamento social, provocou impactos nas condições de vida da população, expondo a vulnerabilidades os segmentos mais pobres e intensificando a situação de fome no Brasil (VIOLA, 2022, p. 52).

Com o intuito de desvincular os programas sociais que estavam ligados ao governo de Lula, foram feitas substituições, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), substituído pelo programa Alimenta Brasil e o Programa Bolsa Família foi substituído pelo Auxílio Brasil, um auxílio criado durante a pandemia da Covid-19, pensado em uma das formas de garantir renda mínima e amenizar os problemas econômicos das famílias.

A partir dos dados informados pela Rede PENSSAN, através do II Vigisan, mais de 33 milhões de pessoas passavam fome em 2021, cerca de 15,5% da população, e, assim como na obra Geografia da Fome, de Josué de Castro, o mapa da fome não se apresenta com grande discrepância daquele apresentado em 1984. Apesar dos dados indicarem a precarização das condições alimentares para o país de forma geral, observou-se a existência

de expressiva desigualdade entre as diferentes regiões brasileiras (VIOLA, 2022, p. 52).

Segundo a autora, a pandemia alterou o Produto Interno Bruto (PIB) e a Inflação, causando, assim, alterações e contribuindo com a ideia de que a economia se faz mais importante que as políticas públicas. Era preciso criar uma estabilidade para provocar uma redução da fome e da insegurança alimentar que se encontrava nos lares brasileiros.

Com o retorno de Lula (2023 -2027) para seu terceiro mandato, o presidente do país que tem um grande histórico no combate a fome, firmou seu compromisso em retirar o país mais uma vez no Mapa da Fome, onde se encontra deste o relatório da ONU em 2021. Como um dos seus primeiros atos, Lula reativou o Consea.

2.2 A insegurança alimentar em Goiás

De acordo com o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar o Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (VIGISAN), o Centro-Oeste é a região em que mais se observa a presença de Insegurança Alimentar no Brasil. A pesquisa feita nos domicílios comprovou que cerca de 31,1% deles passam por alguma dificuldade para conseguir realizar alguma refeição. Este número é superior à média do país, que chega a 28%.

Em Goiás 11,9% das casas se enquadram no nível grave de insegurança alimentar, isso equivale a 858 mil pessoas. Quando consultado a insegurança alimentar moderada, este número aumenta para 901 mil pessoas, e os que convivem com um grau leve de insegurança alimentar é equivalente a 2,19 milhões de pessoas.

Apesar dos números serem extremamente preocupantes, o Estado se encontra acima da taxa nacional, que conta com nove estados do total de 26. Segundo o pesquisador e membro da coordenação executiva da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), Renato Carvalheira, em entrevista ao Jornal O Popular, afirma que o Estado se encontra em uma boa posição devido sua grande influência na produção de alimentos, no setor do agronegócio. Mas, apesar disso, os números ainda são bastante significativos. “Isso se dá por esse desmonte das políticas públicas, como a queda dos investimentos na

agricultura familiar, a falta de estoques públicos da Conab. As causas para esse resultado são muitas, segundo o pesquisador” (ABREU, 2022, p. 1).

Devido ao aumento dos números, o Estado criou políticas que contribuem na elevação do índice de segurança alimentar em Goiás. Alguns programas foram criados na gestão do governador Ronaldo Caiado (2021), em parceria com organizações. É o caso do Programa Mães de Goiás, criado em agosto de 2021, que garante o valor de R\$ 250 mensal às famílias que se encontram em vulnerabilidade social. Esta ação visa assegurar a alimentação dessas famílias por meio desse auxílio. Ao todo, foram investidos inicialmente R\$ 219 milhões, por meio do Fundo de Proteção Social do Estado de Goiás, o Protege Goiás (GOIAS, 2020).

O Banco de Alimentos, criado pelo Governo de Goiás em parceria com a Organização das Voluntárias de Goiás (OVG), tem o objetivo de combater a fome e o desperdício. Com parceria com a Central de Abastecimento de Goiás (CEASA-GO) e a Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA), o programa funciona por meio de doações de pequenos produtores e concessionários que são destinadas às famílias cadastradas (GOIÁS, 2020).

Seguindo as mesmas ações do Banco de Alimentos, o programa NutreBem foi criado no intuito de ampliar a segurança alimentar com a distribuição de alimentos por meio da distribuição de kits chamados de “Mix do Bem” (GOIÁS, 2020). O Governo de Goiás criou o programa Goiás Social, voltado para o combate efetivo a vulnerabilidade social no Estado, com ações de combate direto à fome e à pobreza. O programa está presente em outras pastas do governo e nos municípios, que juntos desenvolvem projetos que visam a redução desses números.

Sabendo que a fome e a pobreza andam lado a lado, uma solução pensada para mudar a trajetória dessas famílias foi alinhar as políticas sociais de auxílio a alimentação e fornecer oportunidade de trabalho. A Ouvidoria Social, um programa do Gabinete de Políticas Públicas (GPS), e o programa Mais Empregos, da Secretaria de Estado da Retomada, juntos prestam serviços a pessoas que solicitam assistência. Funcionários desses programas vão à casa da pessoa que será ajudada e além de levar cestas básicas, o programa Mais Empregos, encaminha essas pessoas para vagas de trabalho ou realizam a matrícula para cursos profissionalizantes, uma forma de quebrar o ciclo da pobreza que, de forma direta, leva famílias à insegurança alimentar (GOIÁS, 2023).

Dessa forma, essas são algumas das medidas em vigor no combate à fome no Estado de Goiás, que vem gerando resultados, no entanto a aplicação de boa parte dessas ações acontece efetivamente apenas na região metropolitana, para levar oportunidade lares que se encontram em situação de vulnerabilidade social. A ampliação dessas ações deveria chegar às quatro regiões do Estado de forma igualitária, mas, para isso, o governo vem desenvolvendo novos programas ou ampliando os que já estão em vigor.

Os resultados na luta contra a insegurança alimentar em Goiás vêm mostrando que o caminho está certo. Investir em ações efetivas é a melhor maneira de evitar o ciclo da pobreza, pois medidas paliativas nunca serão uma solução eficaz. Podem até ajudar enquanto a barriga das pessoas dói, mas não sustentam por muito tempo. Faz-se preciso dar condições de mudança a essas famílias. Prova disso está no resultado da pesquisa do II Vigisan (2022), que mostra que 45,2% das casas em Goiás se encontram em uma relativa condição de segurança alimentar, em comparação com o Brasil, o índice é de 41,3%, mais ainda é um número pequeno de segurança alimentar porque não se trata só de dados, mais de pessoas, e cada pessoa importa.

2.3 Como é conviver com a fome

Para a realização do documentário *Fome: Até o osso* quatro mulheres foram entrevistadas, falando sobre suas dificuldades enfrentadas diariamente para conseguir um direito básico que é a alimentação. Estas mulheres fazem parte de um contingente de 125,2 milhões de pessoas que se enquadram em algum nível de insegurança alimentar no Brasil. São pessoas que convivem com a incerteza e apesar de todas essas dificuldades elas vão atrás de soluções. Para as entrevistas do filme, três das quatro entrevistadas preferiram não ser identificadas e serão nomeadas por nomes fictícios.

Foi perceptível que as histórias de dificuldades se repetiam entre elas e ao decorrer de suas vidas. Percebe-se isso no relato de Maria (2023)¹

Tinha hora que meus irmãos caçavam um macarrão, um arroz, um trem assim, né? Aí não tinha. Aí nós tínhamos que fazer só aquele, tinha hora, que só tinha um pão duro. Nós fazíamos água com açúcar e comia, sabe? Aí passava, né? Aí se tivesse um fubá nós fazíamos, se tivesse um macarrão nós fazíamos. Era assim. Aí tinha que ficar daquele jeito mesmo feliz. Porque era obrigado a ficar, né? não tinha outro jeito (MARIA, 2023).

¹ Transcrição da entrevista da personagem Maria do filme *Fome: Até o osso* (2023).

Irene (2023)² passa por dificuldades diariamente e, por vezes, só teve o mínimo para se alimentar. Às vezes só consegue realizar alguma refeição no dia com ajuda de doação. “Eu como assim um pão, um leite, um suco, as vezes a gente come, na verdade, mas é quando aparece esses doadores que entregam um marmitex. É assim, pega uma, pega duas. Pega uma para comer aqui e outra para levar para casa (IRENE, 2023)”.

A falta de um alimento para suprir uma necessidade básica pode deixar marcas enormes no interior de quem passa por essa situação. Para mães que enfrentam isso, ver um filho passar por essa mesma dificuldade é ainda mais doloroso. Julia (2023)³ conta que:

Quando você vai se alimentar e você sabe que o seu filho não tem, você perde até a fome e quando ele vem buscar as coisas ou eu levava, eu ficava feliz. Porque eu sabia que eles tinham que comer em casa. Por que a felicidade dos filhos é a felicidade da mãe né? A mãe deixa de comer até para dar para os filhos (JÚLIA, 2023).

Fernanda do Prado Rocha (2023)⁴ a única fonte que concordou em ser identificada, relatou que teve dias que não tinha nada para se alimentar, mas quando questionada o que mais a incomodava, sem pensar ignorou suas necessidades e colocou a dos outros a frente:

Dói. Assim, quando não tem nada para comer eu fico de boa. Eu acho ruim é ver outra pessoa com fome, né? Aí meu sentimento é pior. Se você está comendo e o outro está com fome, eu não sou sim. Quando eu estou com fome, aí eu vou correr atrás. Vou para casa de pai, para casa de irmão, de um tio, de uma pessoa, aí eu como (FERMANDA ROCHA, 2023).

É inegável que essas pessoas se enquadram no tema retratado no filme, cada uma a sua maneira, compartilham das mesmas necessidades e dificuldades e seus relatos foram importantes para a construção deste documentário que tem o objetivo de mostrar o problema da insegurança alimentar que fez com que o Brasil voltasse ao mapa da fome da ONU.

² Transcrição da entrevista da personagem Irene do filme *Fome: Até o osso* (2023).

³ Transcrição da entrevista da personagem Julia do filme *Fome: Até o osso* (2023).

⁴ Transcrição da entrevista da personagem Fernanda Rocha do filme *Fome: Até o osso* (2023).

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Maria Luiza Dias

A fome dói. Foi a única e mais forte conclusão que pude chegar realizando esse trabalho. Dói para quem pesquisa sobre, dói para quem tem que falar sobre e dói principalmente para quem convive com ela diariamente. As personagens deste documentário retrataram de forma comovente suas dificuldades, que são muitas, e a fome, infelizmente, é só mais uma dessas dificuldades.

Durante a etapa da produção, consegui falar com nove pessoas que se enquadravam em situação de vulnerabilidade e que por consequência se encontravam em algum grau de insegurança alimentar. Mas, a maior dificuldade não foi encontrar as fontes, isso foi até fácil. Um olhar mais atento identificaria. O que considerei difícil foi convencer essas pessoas que suas histórias precisavam ser contadas. Quatro pessoas das que conversei sobre participar do filme concordaram em dar entrevista. Por ser um assunto delicado, até mesmo considerada uma situação que suscita um sentimento de vergonha – a fome, tanto a palavra como a sua forma “física” são constrangedoras, por isso, somente uma entrevistada aceitou ser identificada. As outras mulheres pediram para serem filmadas de costas. Não queriam aparecer e nem ter seu nome revelado.

Também é importante entender que o trabalho não está falando apenas de dados reais de uma realidade vivida por mais da metade dos brasileiros, mas sim, de pessoas que tem suas famílias e que lutam diariamente para conseguir o mínimo para sobreviver e que nem sempre esse mínimo é alcançado.

Desde antes de ingressar na universidade, no curso de Jornalismo eu sabia que queria fazer ou criar algo relacionado ao audiovisual no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas não queria me limitar ao texto jornalístico dos telejornais. Ao cursar a disciplina de Documentário que eu consegui identificar melhor esse desejo antigo que vivia dentro de mim. Eu não queria ser apenas jornalista, apesar de reconhecer e dar valor a sua grande importância e guardar uma grande parte da minha paixão a essa tão necessária profissão. Descobri que ser documentarista poderia ser uma realidade para mim. Fui atrás, e aqui concluindo esse

trabalho não me faço documentarista, porém os passos necessários para alcançar esse sonho foram dados.

Outra certeza que ainda vive em mim é o meu interesse pelas minorias, não só por conviver com elas, mais por fazer parte ou já ter feito parte de algumas delas. É um assunto que me prende, que me move e me intriga. Sempre procuro estar engajada de alguma forma porque também continuo com o pensamento de que o jornalismo pode dar voz a todos e, se eu tiver a oportunidade, darei sempre vez e voz a eles. A nós.

Dito as minhas motivações acerca da ideia inicial do documentário fui analisar com mais cautela a situação em que o nosso país se encontrava e a volta do Brasil para o mapa da fome da ONU em 2022, por incrível que parece não me chocou. Estávamos no meio de uma pandemia e de um governo que não priorizava políticas de combate a insegurança alimentar tanto que um dos primeiros atos foi extinguir o Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). O que deixou o alerta em relação ao tema foi saber que mais da metade da população se encontrava em algum nível da insegurança.

Organizei as ideias para embasar as pesquisas e após um período de alinhamento de ideias em conjunto com a orientadora, professora Eliani Covem, fui atrás de fontes que se disponibilizariam a conversar sobre o assunto. Como faço parte de um grupo de jovens católicos, a organizadora desse grupo, a Irmã Missionária de Cristo Gertrudes, realiza doações de cestas básicas para famílias carentes. Conversei com ela e consegui o contato de cinco fontes iniciais, dessas duas concretizaram em entrevistas. Conversei com associações e ONGs que realizam doações e consegui o contato de outras pessoas que inicialmente aceitaram participar das entrevistas, mas que posteriormente se recusaram a dar entrevista, mesmo de forma anônima. Como medida final para conseguir um número suficiente de entrevistas, percorri as ruas de Goiânia em pontos estratégicos e assim consegui mais duas entrevistas, totalizando quatro personagens representativas do tema: a fome. Por fim, por orientação da professora Eliani Covem decidimos convidar especialistas que trariam uma visão mais ampla do tema com análises teóricas embasadas no conhecimento de cada um deles: Filosofia e Sociologia.

Todo o processo de pré e pós-produção foi realizado por mim. Organizei de uma forma que cumprisse o cronograma estipulado pela orientadora, no entanto,

por depender de fontes para falar sobre um tema tão delicado, algum prazo ou outro foi se perdendo ou remarcado, mais consegui finalizar o trabalho ainda com tempo. Avalio que toda a produção foi realizada de forma proveitosa. Seguindo o que me foi ensinado ao longo desses quatro anos do curso e aperfeiçoado na orientação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este filme foi realizado com intuito de levar o público a refletir sobre um problema grave que existe no Brasil, a insegurança alimentar. No ano de 2022 o país voltou ao mapa da fome da ONU, chegando ao marco de 33 milhões de pessoas no nível mais grave da insegurança alimentar que é a fome. Este dado é extremamente preocupante. No entanto, quando se olha com atenção, pode-se enxergar que não é só este número que assusta, mas sim, o dado de que mais da metade da população se enquadra em algum dos níveis que vão desde o leve, passando pelo moderado e chegando ao grave, que é a fome e sua forma mais miserável.

Conclui-se que os objetivos desse filme foram atingidos a partir das constatações que as narrativas de vida das pessoas aqui presentes no documentário se enquadram no tema geral. Foi possível observar diversos problemas que levaram essas pessoas a se encontrarem nas situações que se enquadram hoje, entre elas o principal fator é tido como a falta de políticas públicas, que também é discutido neste trabalho, que traça em forma cronológica as principais ações e desserviços prestados no combate a insegurança alimentar pela área governamental.

Durante as filmagens, foi possível utilizar as diversas técnicas aprendidas durante o curso de Jornalismo, além de pôr em prática as técnicas de gravação que foram intercaladas entre os modos expositivo e reflexivo de se fazer documentário. Apesar de retratar as dificuldades de forma incisiva, por se tratar de um tema delicado e infelizmente pertinente, faz-se necessário a continuação de estudos a cerca do tema para desenvolver produtos que possibilitem a conscientização e o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a solução deste problema.

REFERÊNCIAS

II VIGISAN. **2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**: Fome avança no Brasil em 2022 e atinge 33,1 milhões de pessoas. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, 2022. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]: II VIGISAN : relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN. -- São Paulo, SP : Fundação Friedrich Ebert : Rede PENSSAN, 2022.

ABREU, Vandrê; ARAÚJO, Luiz Phillipe. **Mais de 850 mil goianos fazem apenas uma ou nenhuma refeição por dia**. O Popular, Goiânia, 14 set. 2022. Cidades, p. 1-1. Disponível em: <https://opopular.com.br/noticias/cidades/mais-de-850-mil-goianos-fazem-apenas-uma-ou-nenhuma-refei%C3%A7%C3%A3o-por-dia-1.2529047>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ALTAFINI, Thiago. **Cinema Documentário Brasileiro: Evolução Histórica da Linguagem**. [S. l.: s. n.], 1999. 26 p.

BEGHIN, Nathalie. **O combate à fome de Vargas a Bolsonaro**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Brasília-DF, n. 29, 2022. Políticas Sociais: acompanhamento e análise - Artigos, p. 1-33. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11545/1/BPS_29_nps3_combate_fome.pdf. Acesso em: 2 fev. 2023.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto**. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2008.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e Imagens do Povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRASIL. [CONSTITUIÇÃO (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Emenda Constitucional nº 90, de 2015. Disponível em: planalto.gov.br). Acesso em: 13 dez. 2022.

BRASIL, Portal. **Relatório indica que Brasil saiu do Mapa Mundial da Fome em 2014**. Casa Civil, Brasília-DF, 16 set. 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2014/setembro/relatorio-indica-que-brasil-saiu-do-mapa-mundial-da-fome-em-2014>. Acesso em: 14 fev. 2023.

CORONAVÍRUS BRASIL: Painel Coronavírus. **ÓBITOS CONFIRMADOS**, 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 13 dez. 2022.

CASTROS, Josué de. **Geografia da Fome: (O DILEMA BRASILEIRO: PÃO OU AÇO)**. [S. l.]: Antares, 1984. Disponível em:

<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmXnZW9ncmFmaWFkb2JhcmF0YXxneDoxYTg2NjJkZGFjNmEwZjI1>. Acesso em: 17 dez. 2022.

DA-RIN, Silvio. **ESPELHO PARTIDO**: tradição e transformação do documentário. Universidade do Texas: Azougue, 2004. 247 p.

FAO. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. **“O combate a fome é uma tarefa de todos”, destaca representante da FAO no Brasil durante a Virada ODS**. FAO no Brasil. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1599782/>. Acesso em: 17 dez. 2022.

FOLHA DE SÃO PAULO, UOL. **Bolsonaro declara que fome no Brasil é mentira, mas recua após polêmica**. GOVERNO BOLSONARO, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/falar-que-se-passa-fome-no-brasil-e-uma-grande-mentira-afirma-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 13 dez. 2022.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A entrevista como método**: uma conversa com Eduardo Coutinho. Psicologia USP, São Paulo, janeiro/março, 2009, 20(1), 125-138

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (Fnde). Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Agricultura familiar. **Aquisição de produtos da agricultura familiar para o programa nacional de alimentação escolar**.

G1, Globo. **CORONAVÍRUS Bolsonaro nega, por duas vezes, escalada da fome no Brasil**: 'Não existe da forma como é falado'. G1 São Paulo, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/08/26/ja-viu-alguem-pedindo-pao-na-porta-da-padaria-pergunta-bolsonaro-ao-falar-sobre-fome-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2022.

GUIMARÃES, Cao. **DOCUMENTÁRIO E SUBJETIVIDADE**: Uma rua de mão dupla. In: DOC: expressão e transformação. [S. l.]: Itaú Cultural, 2007. cap. I e II

GUIMARÃES, Magno Hermelindo Silva. **A política de alimentação no Brasil de Vargas a Bolsonaro**: quando FOME se torna um projeto de governo! 2022. 63 f. Monografia em (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

GOIÁS. Casa Civil. **Governo de Goiás lança Mães de Goiás, programa de transferência de renda que destinará R\$ 250 mensais a 100 mil famílias em vulnerabilidade social**. Goiânia: Casa Civil, 9 ago. 2021. Disponível em: [https://www.casacivil.go.gov.br/noticias/9336-governo-de-goi%C3%A1s-lan%C3%A7a-m%C3%A3es-de-goi%C3%A1s,-programa-de-transfer%C3%A2ncia-de-renda-que-destinar%C3%A1-r\\$-250-mensais-a-100-mil-fam%C3%ADias-em-vulnerabilidade-social.html](https://www.casacivil.go.gov.br/noticias/9336-governo-de-goi%C3%A1s-lan%C3%A7a-m%C3%A3es-de-goi%C3%A1s,-programa-de-transfer%C3%A2ncia-de-renda-que-destinar%C3%A1-r$-250-mensais-a-100-mil-fam%C3%ADias-em-vulnerabilidade-social.html). Acesso em: 15 fev. 2023

GOIÁS. Governo de Goiás. **Banco de Alimentos leva dignidade às famílias de baixa renda**. Goiânia: Governo de Goiás, 5 mar 2020. Disponível em: <https://www.goias.gov.br/servico/90-agricultura/120826-ovg-e-governo-de-goias->

levam-dignidade-as-familias-de-baixa-renda-por-meio-do-banco-de-alimentos.html?highlight=WyJmb21llwiZm9tZScsll0=. Acesso em: 15 fev. 2023

GOIÁS. Governo de Goiás. **Estado lança programa para ampliar segurança alimentar**. Goiânia: Governo de Goiás, 26 out. 2021. Disponível em: <https://www.goias.gov.br/servico/24-social/126172-estado-lan%C3%A7a-programa-para-ampliar-seguran%C3%A7a-alimentar.html>. Acesso em: 15 fev. 2023

GOIÁS. Governo de Goiás. **Governo do Estado lança programa Goiás Social**. Goiânia: Governo de Goiás, 16 jun. 2021. Disponível em: <https://www.social.go.gov.br/noticias/756-governo-do-estado-lan%C3%A7a-programa-goi%C3%A1s-social.html>. Acesso em: 04 maio 2023

GOIÁS. Governo de Goiás. **Governo lança estratégia de proteção social inovadora**. Goiânia: Governo de Goiás, 06 de Mar. 2023. Disponível em: <https://www.goias.gov.br/servico/24-social/128403-governo-lan%C3%A7a-estrat%C3%A9gia-de-prote%C3%A7%C3%A3o-social-inovadora.html>. Acesso em: 05 maio 2023.

GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Panorama do documentário no Brasil**. Doc Online, Uninorte/Amazonas, p. 79-91, 1 dez. 2006.

HAMPE, Barry. **Making documentary films and reality vídeos**. New York: Henry Holt and Company, 1997.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**, 2022. Disponível em: <https://ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 28 nov. 2022

KREUTZ, Katia. **Documentário brasileiro: Novas tecnologias e o cinema atual**. In: Academia Internacional de Cinema. [S. l.], 17 jul. 2018. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/documentarios-brasileiros/>. Acesso em: 6 nov. 2022.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: Conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus Editorial, 2012. 128 p.

Lula, LILS. **Discurso do Senhor Presidente da República**, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse. Brasília, Congresso Nacional, 1º janeiro 2003.

MALUF, Renato S. **Segurança Alimentar E Fome No Brasil -10 Anos Da Cúpula Mundial De Alimentação**. Centro de Segurança Alimentar e Nutricional, Rio de Janeiro, p. 1 - 67, ago. 2006. Disponível em: <http://r1.ufrrj.br/cpda/ceresan/docs/relatoriotecnico2.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MELITO, Leandro. **Bolsonaro deixou país vulnerável à fome e "preço será alto" na pandemia, diz Graziano**. Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/21/bolsonaro-deixou-pais-vulneravel-a-fome-na-pandemia-preco-sera-alto-diz-graziano>. Acesso em: 13 dez. 2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papyrus, 2005. p. 265

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. Wwww.bocc.ubi.pt, [S. l.], p. 1-9, 2001.

PENSSAN. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. **Olhe Para a Fome**. [S. l.]: Fox Populi, 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/>. Acesso em: 5 maio 2023.

PENSSAN. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. **2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 26 mar. 2023.

PUCCINI, Sérgio. **DOCUMENTÁRIO E ROTEIRO DE CINEMA: da pré-produção à pós-produção**. 2007. 239 p. Tese de pós-graduação (Doutor em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de Documentário: Da Pré-Produção à Pós-Produção**. 3ª ed. [S. l.]: Papirus, 2009. 144 p.

RABIGER, Michael. **Directing the documentary**. Boston: Focal Press, 1998.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal - o que é mesmo documentário?**. São Paulo: Editora Senac, 2008. 447 p.

REZENDE, Fernando. **ANNA PELIANO: uma batalha incansável contra a fome, a pobreza e a desigualdade social**. Brasília: IPEA, 2022.

ROSENTHAL, Alan. **Writing, directing and producing documentary films and vídeos**. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1996

SIPIONI, Marcelo Eliseu; RQUIERI, Manuella Ribeiro Lira; BARBOSA, Jeanine Pacheco Moreira; BISCOTTO, Denise Barbieri; SARTI, Thiago Dias; ANDRADE, Maria Angélica Carvalho. **Máscaras cobrem o rosto, a fome desmascara o resto: a covid-19 E O COMBATE À FOME NO BRASIL**. SciELO Preprints, 2020. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.660. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/660>. Acesso em: 9 dez. 2022.

STACCIARINI, José Henrique Rodrigues. Pluralidade, **Publicização E Multiplicação Do Fazer Político: A Ação Da Cidadania Contra A Fome, A Miséria E Pela Vida No Território Brasileiro (1992/1997)**. 2002. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2002.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. **Combate à fome no Brasil: uma análise histórica de Vargas a Lula**. Revista de Nutrição, Campinas, p. 439-457, jul-ago. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rn/a/dBtStfvTzwqWjvqQgSL5zqd/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 7 fev. 2023.

VIEIRA, Flávia Vilela. **A Evolução do Documentário Brasileiro**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Juiz de Fora, 6 set. 2006. Universidade Federal de Juiz de Fora/ FACOM (Faculdade de Comunicação), p. 1-9.

VIOLA, Mariana Camboim. **As políticas públicas de segurança alimentar e a fome no Brasil: uma análise de 2003 a 2021**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Prof^a Rita Inês Paetzhold Pauli. 2022. 1 - 59 p. Monografia (Bacharel em Ciências Econômicas.) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - RS, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/27028/Viola_Mariana_Camboim_2022_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 fev. 2023.

WAINER , Julio. **Idéia, imagens e sons**: caminhos para a estruturação de um documentário. In: WAINER, Julio. **Idéia, imagens e sons**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 122.

YAKHNI, Sarah. **O Eu e o Outro no Filme Documentário**: uma possibilidade de encontro. 2001. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Artes, Campinas, 2001. p. 43.

APÊNDICES

APÊNDICE I

ROTEIRO

Imagem	Áudio
Cena 1 – Fundo preto com falas das entrevistadas	<p>Fernanda Rocha: Teve um dia em que eu não tinha nada para comer. Nada! Nem arroz, nem feijão, nada. Nada, sabe nada? Só água.</p> <p>Irene: Até desmaiar eu já desmaiei de fome na casa das patroas.</p> <p>Julia: Quando você vai se alimentar e você sabe que o seu filho não tem, você perde até a fome.</p> <p>Maria: Muito ruim, muito ruim mesmo. Chegar cedo assim, e não ter nada para você comer é ruim, muito ruim mesmo.</p> <p>[Música Instrumental]</p>
Cena 2 – Mulher colocando uma vasilha na mesa com o nome do filme “Fome: Até o osso”	[Música Instrumental]
Cena 3 - José Reinaldo, doutor em Filosofia	<p>Pensar que em 2023 a gente ainda precisa falar sobre o problema da fome, é algo no mínimo paradoxal, é algo no mínimo problemático por si mesmo, mas essa é a verdade experimentado por muitas famílias, por muitas pessoas, de maneira que parece impossível avançarmos enquanto sociedade, talvez como critério elementar, como primeiro critério de todas as nossas discussões é tratar o problema da fome. Enquanto há fome esse assunto precisa ser enfrentado.</p>
Cena 4 – Irene	Eu como assim um pão, um leite, um suco, as vezes a gente come, na

	<p>verdade, mas é quando aparece esses doadores que entregam um marmitex. É assim, pega uma, pega duas. Pega uma para comer aqui e outra para levar para casa.</p>
<p>Cena 5 – Maria</p>	<p>Tinha hora que meus irmãos caçavam um macarrão, um arroz, um trem assim, né? Aí não tinha. Aí nós tínhamos que fazer só aquele, tinha hora, que só tinha um pão duro. Nós fazíamos água com açúcar e comia, sabe? Aí passava, né? Aí se tivesse um fubá nós fazíamos, se tivesse um macarrão nós fazíamos. Era assim. Aí tinha que ficar daquele jeito mesmo feliz. Porque era obrigado a ficar, né? não tinha outro jeito.</p>
<p>Cena 6 – Neusa Maria Barbeiro, Socióloga e Cientista Política. Com imagem de cobertura retirada da internet desperdício de alimentos na Ceasa</p>	<p>A questão da fome é um problema muito sério em um país que se produz tanto e ao mesmo tempo grande parte da população no país passa fome. Haja vista que os últimos dados mostram que 33 milhões de pessoas no Brasil passam fome hoje, né? Estão passando fome. Então é um problema seríssimo que já é um problema histórico, né? É um país que produz muito, é um país que nega a sua população o mínimo necessário. Talvez por falta de políticas públicas mesmo no sentido de possibilitar o acesso ao alimento para todos.</p>
<p>Cena 7 – Julia</p>	<p>Eu no momento, né? Eu tiro linha, mas já catei reciclagem, agora no momento eu parei. Só tiro linha mesmo em casa. É difícil. Com a minha renda é difícil, e mesmo assim, supre algumas necessidades, mas se for para manter mesmo só com a renda, para pagar aluguel, água e luz é difícil porque é pouco. Porque quando vem serviço tem o dinheiro, quando não tem serviço, não tem dinheiro.</p>
<p>Cena 8 – Fernanda Rocha</p>	<p>Eu não tenho benefício, eu dependo do semáforo para comprar comida e pagar aluguel. É puxado. Se você não pagar o aluguel, o cara manda você embora.</p>

	<p>Às vezes o povo me ajuda, um passa e me dá uma cesta, dá um dinheiro. Eu vou ganhando aqui no semáforo, vendendo balinha.</p> <p>Quando não tem ajuda, não tem comida, mas às vezes aqui me ajudam muito. Eu não dou conta por causa do sol, eu trabalho e paro, porque o sol está quente e outro não tem como eu me sentar.</p>
Cena 9 - José Reinaldo, doutor em filosofia	<p>Parece que no Brasil, ser pobre é ser preguiçoso, é escolha. E ninguém escolhe passar fome, ninguém escolhe ser pobre e não ter o alimento adequado para dar para aos seus filhos. Mas a maneira como a sociedade brasileira é organizada, ela exclui da participação, ela exclui do acesso a esses bens elementares à sobrevivência uma grande parte da sua população. E ela exclui de uma maneira quanto mais.</p>
Cena 10 – Maria	<p>Nós vendemos esterco na rua, meu esposo e eu. Nós saímos de casa em casa vendendo no saquinho, 3 por R\$ 10,00. Meu esposo, ele pega terra em algum lugar onde tem. Agora o esterco a gente compra, é assim, tipo, compro da pessoa e a gente vai repartir o dinheiro com a pessoa, né? Ele vende um preço para meu esposo mais barato, aí a gente compra dele mais barato também, que ele faz para nós. Aí vai levando assim.</p>
Cena 11 – Praça de Campinas	[Música Instrumental]
Cena 12 – Irene	<p>Trabalho na matriz de Campinas como orientadora de carro, mas agora estou com muita dificuldade porque o povo não quer ajudar a gente mais.</p> <p>Estou com braço quebrado, então de vez em quando falta as coisas dentro de casa, pagar água, pagar luz, pagar funerária. Não tenho esposo, não tenho mãe, não tenho pai e ainda ajudo meus filhos, com... nem salário não é, com a gratificação dos meus clientes aqui da matriz.</p>

<p>Cena 13 – José Reinaldo, doutor em filosofia com imagem de cobertura que representam a fome e a seca.</p>	<p>Então a fome no Brasil, ela não é resultado da escassez como em outras regiões do planeta, existe gente em outros lugares no mundo que passa fome por escassez de comida, no Brasil, não. No Brasil, as pessoas passam fome por má escolha políticas, e nós não podemos culpabilizar as pessoas que vivem em uma situação de desigualdade radical, em uma situação de precariedade dos serviços e do acesso aos bens de consumo, colocando nelas a responsabilidade porque passam fome, quer dizer, ser pobre no Brasil é crime. Alguém até diria: "A mais também esses governos que ao invés de ensinar a pescar eles dão o peixe". O problema é que as varas de pescar já tem donos, as iscas já têm donos, o lago já tem dono e todos os peixes já têm donos.</p>
<p>Cena 14 – Neusa Maria Barbeiro, Socióloga e Cientista Política, com imagem de cobertura retirada da internet.</p>	<p>Eu fazia parte na época, na década de 90, essa campanha, ela foi mais ou menos ali naquele período de 1993. E eu fazia parte da Comissão de Direitos Humanos da OAB. E aí, o Betinho ia lançar a campanha da "Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria no Brasil", no Brasil todo. Porque também naquele período nós estávamos passando um problema muito sério, né? No sentido da pobreza, da miséria, da exclusão. Então naquela época quando o Betinho chama atenção, né? Para fazer essa tomada de consciência por parte da população, houve um movimento muito grande no sentido de as pessoas doarem cestas básicas de lá pra cá esse movimento ainda continua né?</p>
<p>Cena 15 – Irene</p>	<p>De vez em quando as minhas clientes de 20, 30 anos me dão. Eles me dão uma cestinha [básica] até boa, é óleo, é arroz, e feijão, é isso e aquilo. É o básico, mas não é sempre não.</p>

	<p>Já tive muitas patroas boas, mas teve outras que me deixaram trabalhar com fome, às vezes elas tinha as coisa mais não davam pra gente, até desmaia eu já desmaiei de fome na casa das patroas.</p> <p>Já teve muitas vezes nos empregos, que as patroas eram ruins e não davam comida, às vezes quando dava eu trazia escondido para os meus filhos. Escondido assim, que elas davam para eu comer e eu escondia e trazia.</p>
<p>Cena 16 – Fernanda Rocha</p>	<p>Dói. Assim, não tem nada para comer eu fico de boa assim. Eu acho ruim é vê outra pessoa com fome, né? Aí meu sentimento é pior. Se você está comendo o outro está com fome, eu não sou sim.</p> <p>Quando eu estou com fome? Aí eu vou correr atrás. Vou para casa de pai, para casa de irmão, de um tio, de uma pessoa, aí eu como.</p> <p>Às vezes é de manhã, às vezes eu faço a tarde, meio-dia, às vezes a noite, é muito raro assim. Aí eu vou me alimentando. O povo ajuda né? Aí às vezes eu fico sem comida.</p> <p>Hoje o cara passou aqui só e eu estava com a plaquinha e vendendo. Aí ele foi passou umas duas horas depois ele veio com a cesta e com vintão.</p> <p>Aí está vendo? Olha aqui ó. A gente faz o bem é sobre o quê? Ó aqui, ó Deus é bom demais.</p> <p>Graças a Deus. Tem fartura. Porque um abençoado de Deus, me deu uma cesta dessa.</p>
<p>Cena 17 – José Reinaldo, doutor em filosofia</p>	<p>Nós consideramos de fato como fome, como pessoas que estão submetidas a uma situação de fome, aquelas que encontram no nível da insegurança alimentar grave, e só aqui, nós já colocamos aproximadamente 30, 33, 30 e poucos milhões de brasileiros.</p> <p>Mas se nós dilatamos o número, consideramos não apenas as pessoas que passaram falta de uma das alimentações ao longo da sua rotina semanal, mas também incluímos aquelas que tiveram impossibilidade de</p>

	<p>escolha do alimento a ser consumido, esse número é ainda mais significativo, ainda mais alarmante, então me parece que atacar o problema da fome significa atacar a conjuntura social brasileira de uma maneira bastante abrangente.</p>
<p>Cena 18 – Cesta básica de uma das entrevistadas e mulher em situação de vulnerabilidade</p>	<p>[Música Instrumental]</p>
<p>Cena 19 - José Reinaldo, doutor em filosofia</p>	<p>A pandemia do coronavírus como uma crise sanitária, como outras crises sanitárias, ela não gera novidades, ela acentua, elas nos permitem uma fotografia da realidade que já estava posta, explicitada. Ela é a possibilidade de uma ampliação de uso de uma lente de aumento em relação à sociedade que já existia, com aqueles dramas e com aquelas sequelas, nesse caso sobretudo sobre a desigualdade social.</p>
<p>Cena 20 - Maria</p>	<p>Nós pegamos a covid, nós ficamos muito ruim, mas nós estamos aqui graças a Deus nós passamos por ela, nós conseguimos e estamos aqui. Meu pai nos ajudou, entendeu. O dinheirinho dele serviu muito para nós, me ajudou muito. Ele me alimentou muito. Ele pegava o benefício dele. Ele que tinha vontade de comprar alguma coisinha para nós. Ele comprava carne, comprava um arroz. Sempre. Ele mesmo que recebia o dinheiro dele, aí ele mesmo ia lá e comprava as coisas pra mim, que estava precisando.</p>
<p>Cena 21 – Julia com imagens de arquivo pessoal</p>	<p>No começo Deus nos abençoou, nos honrou com muita ajuda. Pessoas que não me conheciam, outros sabiam da minha situação, tinham o meu contato, o meu número do meu telefone, aí foram na minha porta levar cesta básica, levar alimentos, aí eu conheci a irmã Gertrud também. Aí nós conseguimos gás, conseguiu cestas, e depois também nós pegamos o auxílio. Auxílio, né? Emergencial. Eu recebi cesta da OVG quando passou os</p>

	<p>caminhões entregando nas casas, eu peguei.</p>
<p>Cena 22 – Maria</p>	<p>Eu pego ajuda, assim, de vez em quando. A irmã trás para mim, né? Aí quando alguém pode me ajudar, alguém ajuda, mas assim quando parece, né? Quando assim, a gente ainda conseguindo, alguém ajuda, né? De vez em quando, né, mas não é toda, assim né direto quando pode ajuda, né. Mas a gente vai tentando do jeito que pode, né? A gente vai se virando, né? Meu esposo, ele é muito assim, luta para ali, para cola e vai se virando. É o que dá. Ele compra alguma coisa, vai comprando as coisas né? Aí quando dá, ele compra quando tem jeito, vai se virando.</p>
<p>Cena 23 - Neusa Maria Barbeiro, Socióloga e Cientista Política.</p>	<p>O Aristóteles falava, né? Nós temos que tratar sim os desiguais de uma forma desigual. No sentido que se eles tiverem um legado, né? Dentro de todo o processo histórico há toda a possibilidade de estarem inseridos socialmente por meio de renda, por meio de escolaridade, por meio de empregabilidade. Nós temos que tratar os desiguais de forma desigual para poder possibilitar que ele a partir do momento que esteja nivelado nesse sentido de escolaridade ele possa fluir sozinho, mas essa grande dívida nós temos no Brasil.</p>
<p>Cena 24 - José Reinaldo, doutor em filosofia</p>	<p>O Brasil é um dos países com maior índice de produção de alimentos e é um dos países que sustentam os maiores índices de pessoas em situação de fome.</p> <p>Vamos pensar o estado de Goiás, que se fosse um país seria um dos países que mais produziria comida no mundo.</p> <p>É impossível que ainda exista gente que passe fome no estado de Goiás.</p>
<p>Cena 25 - Neusa Maria Barbeiro, Socióloga e Cientista Política.</p>	<p>É um país, é um estado que produz muito, mas que nega, que nega a possibilidade ao acesso de alimentos para as pessoas que não tem condições de comprar muitas vezes. Quando a</p>

	<p>gente observa que as políticas sociais elas são insuficientes para possibilitar, e que num primeiro momento não se tem a possibilidade da inserção econômica para que cada um ande com suas próprias pernas, né? Muitas vezes a gente observa também que as políticas públicas elas acabam sendo insuficientes para poder possibilitar uma alimentação digna para população, tanto no estado de Goiás quanto também no Brasil.</p>
Cena 26 – Maria	<p>Assim, Deus é assim. Quando falta, é igual, falar para você, Deus sempre faz parecer uma pessoa, arruma um arroz, um óleo, um feijão, né? Meu filho de repente, compra uns trêns, me dá também, paga uma energia para mim. Aí vai levando, minhas meninas quando pode também dá um arroz, um feijão também. Quando eu posso também eu arrumo para elas, mesmo que eu dê a metade, mais arruma quando tá precisando também, é assim que tem criança no meio, né? Tem uma mesmo que tem 2 crianças, né? 3, só que 2 o pai abandonou não dá nada para eles. Aí o que a gente pode, uma roupa que eu consigo para eu dou para eles. Quando consegue um caderno a gente dá para eles porque eles precisam. Eu não ajudo mais porque eu também não tenho como, mas minha vontade era de ajudar eles.</p>
Cena 27 - Julia	<p>É difícil, igual quando às vezes eu ganho que dá para mim passar para frente eu ajudo. Eu tiro do que eu ganho e passo. Porque não é todo mundo que ganha. Eu mesmo já ganhei e já reparti a minha cesta com a minha filha com meu filho. Quando você vai se alimentar e você sabe que o seu filho não tem, você perde até a fome e quando ele vem buscar as coisas ou eu levava, eu ficava feliz. Porque eu sabia que eles tinham que comer em casa. Por que a felicidade dos filhos é a felicidade da mãe né? A mãe</p>

	deixa de comer até para dar para os filhos.
Cena 28 – Imagem de apoio	[Música Instrumental]
Cena 29 - Neusa Maria Barbeiro, Socióloga e Cientista Política.	93 para 2023, são trinta anos exatos né? Então em trinta anos nós ainda estamos falando de fome. Em trinta anos nós ainda não resolvemos esse problema, né? Que já deveríamos ter pelo menos amenizado, nós tivemos isso que eu te falei um período em que nós diminuimos, né? Nós tiramos o Brasil do mapa da fome e depois voltamos aumentando a quantidade, né? O número de pessoas que passam. Hoje tem todo esse problema da insegurança alimentar.
Cena 30 - José Reinaldo, doutor em filosofia	Então no geral quando se discute temas tão agudos da vida social é impossível as pessoas não identificar a essa ou aquela gestão, a esse ou aquele governo, a esse ou aquele problema e isso obstaculiza uma discussão sadia que reconheça os diferentes motivadores de um tema tão agudo que é o caso da fome e que vem desde o início da história do Brasil. É quase como se disséssemos de um tema congênito no Brasil. Se a distribuição de riquezas na história do Brasil é um problema crônico, que remete a origem do Brasil. A origem da história de consolidação da identidade brasileira, a fome é um desses efeitos colaterais naturais a má distribuição de renda. Então, não está limitado a essa ou aquela plataforma de governo, a esse ou aquele governo, é um tema que atravessa gerações e que infelizmente ainda nos motiva a discuti-lo no Brasil do século 21, o que é alarmante.
Cena 31 – Imagem de cobertura grafite	[Música Instrumental]
Cena 32 – Irene	Eu comi só um pouquinho, o apetite é pouco né, o que eu passo mais é leite, é verdura, é frutas, essas coisas, comida mesmo, muitas coisas eu já não como.

	<p>Tem dias que nenhuma. Não tem vontade, chega em casa tem um leite e faço um mingau de maisena, de fubá de milho, é esses trens, às vezes tem pão, como o pão com leite, outra hora faço uma batida de ovo. É desse jeito, outra hora a gente põe uma farinha no leite e come e aí passa a noite, graças a Deus.</p>
<p>Cena 33 - José Reinaldo, doutor em filosofia</p>	<p>Eu diria que enquanto houvesse entre nós uma pessoa que passasse fome por causa de motivações políticas, de desenvolvimento da sociedade, por causa de escolhas sociais esse tema seria urgente, esse tema seria atual. Porque não dizer quando nós vivemos em uma sociedade em que mais de 50% da população geral, significa mais de 100 milhões de habitantes no Brasil, experienciam ao longo da sua vida, ao longo da sua semana, ao longo dos últimos anos algum nível de impositação do problema da fome. Seja porque não tem nada a comer, seja porque tem o elementar a comer, seja porque gastam a sua vida pensando se até o fim do mês vão ter um salário para se alimentar, seja porque viveram os últimos 20 anos sem a possibilidade de escolher comer aquilo que gostaria de comer, tendo que comer o que deu.</p>
<p>Cena 34 – Fernanda Rocha</p>	<p>Teve dia que eu fiquei dois, três dias sem comer nada, que eu não tinha nada. Mas eu nem me preocupo com isso, né? Deus sabe de tudo também, né? Antigamente eu preocupava. Hoje eu nem me preocupo. Eu pensei assim, um dia Deus vai me abençoar. Eu sou assim, eu às vezes fico triste e choro, mas Deus sabe das coisas, né?</p>
<p>Cena 35 - Julia</p>	<p>Então assim meu pai sempre falava minha filha, a gente precisa do próximo, da ajuda das pessoas, até pra segurar na alta do caixão, precisou da gente no que for possível a gente faz. A gente tá aqui para ajudar, porque nossa passagem aqui na terra é passageira. Então o que</p>

	a gente puder fazer pelo próximo a gente faz, porque pode ser pequeno pra gente, mas para a pessoa é grande.
Cena 36 - José Reinaldo, doutor em filosofia	As causas da fome no Brasil. De ainda existirem brasileiros submetidos a esse nível de degradação social de falta de acesso aos bens elementares, à dignidade, são variadas, são muitas causas, mas o fator político acentua como uma das principais causas. Nos últimos anos o Brasil retornou ao mapa internacional da fome, e isso no mínimo deveria nos deixar perplexos, o problema é que nós vivemos em uma sociedade em que falar sobre fome é que deixa perplexo, não o fato de existir gente com fome e às vezes bem perto da gente.
Cena 37 – Imagens de cobertura	[Música regravação – Fome Come, Palavra Cantada]
Cena 38 – Imagem de vela se apagando com o nome do filme “Fome: Até o osso”	[Música Instrumental]
Cena 39 - Créditos	Direção, Produção, Imagens, Roteiro Maria Luiza Rodrigues da Silva Dias Edição e Montagem Lucas Carvalho Moreira Agradecimentos Lourrayne Rodrigues da Silva Dias Lusilene Rodrigues da Silva Clovis Bernardo dos Santos Mariana Beatriz Correia Brandão Mariana Gramacho Ir. Missionária de Cristo, Gertrud Fokter Alaiana Quixabeira

	<p>Trilha</p> <p>Regravação: Fome Come - Palavra Cantada</p> <p>Arquivos</p> <p>Imagem da internet</p> <p>TV Viva</p> <p>PUC TV Goiás</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso</p> <p>Escola de Direito, Negócios e Comunicação</p> <p>Curso de Jornalismo</p> <p>Orientação</p> <p>Profa. Dra. Eliani Covem</p> <p>PUC- Goiás</p>
--	---

APÊNDICE II

AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO

A aluna Maria Luiza Rodrigues da Silva Dias, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2023, autoriza a Universidade a reproduzir a obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL

Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil

Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080

www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

A estudante Maria Luiza Rodrigues da Silva Dias, do curso de Jornalismo, matrícula 2019.2.0127.0029-8, telefone: (62) 98489-2827, e-mail marialuiza-silva2011@hotmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Fome até o osso”, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 24 de novembro de 2022.

Assinatura do autor:

Nome completo da autora: Maria Luíza Rodrigues da Silva Dias

Assinatura do professor-orientador: